

Teologia da Evangelização

Uma Palavra aos “Evangelistas”¹

Hermisten Maia Pereira da Costa

“A Grande Comissão não é um manifesto de marketing. O evangelismo não requer vendedores, e, sim, profetas” – John F. MacArthur Jr.²

“Nós precisamos lembrar que pecadores não são ganhos através de relações públicas bem engendradas, mas o evangelho – uma mensagem inerentemente exclusiva – é o poder de Deus para a salvação” – John F. MacArthur Jr.³

“O grande perigo é tornar a teologia um tema abstrato, teórico, acadêmico. Ela jamais poderá ser isso, porque é conhecimento de Deus” – D.M. Lloyd-Jones.⁴

Introdução:

A reflexão teológica deve ser sempre um prefácio à ação⁵ sob a influência modeladora do Espírito que nos instrui pelo Evangelho. “Uma igreja que só reflete e não atua é semelhante ao exército que passa o tempo fazendo manobras dentro do quartel”.⁶ A nossa reflexão e ação devem estar sempre acompanhadas e dominadas pela oração fervorosa e sincera: *“Desvenda os meus olhos, para que*

¹ Palestra ministrada durante a 2ª Semana Teológica de 2007 (1 a 5 de outubro) do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, São Paulo, Capital, no dia 1 de outubro de 2007.

² John F. MacArthur Jr., *Com Vergonha do Evangelho*, São José dos Campos, SP.: Fiel, 1997, p. 14.

³ John F. MacArthur Jr., *Princípios para uma Cosmovisão bíblica: Uma mensagem exclusivista para um mundo pluralista*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 9.

⁴ D.M. Lloyd-Jones, *Uma Escola Protestante Evangélica*: In: *Discernindo os Tempos*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1994, p. 389.

⁵ “Para aquele que é intelectualmente dotado, é muito mais fácil ser um cristão no campo do pensamento do que naquele comportamento prático; e ainda o bom teólogo sabe muito bem que o que realmente conta diante de Deus não é simplesmente o que alguém pensa, mas o que alguém pensa com tal fé que se torna ato. Porque somente essa fé ‘que atua pelo amor’ é considerada” (Emil Brunner, *Dogmática*, São Paulo: Novo Século, 2004, Vol. 1, p. 119-120).

⁶ Orlando E. Costas, *Qué Significa Evangelizar Hoy?*, San José, Costa Rica: Publicaciones INDEF., 1973, 3.442. p. 45.

eu contemple as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18).⁷ “A fé envolve a verdade de Deus (doutrina), encontro com Deus (culto) e servir a Deus (vida). A inseparabilidade desses três elementos é vista repetidas vezes nas Escrituras e na história do povo de Deus”.⁸

Talvez aqui esteja uma das armadilhas mais sutis para nós Reformados. Prezamos a doutrina, entendemos ser ela fundamental para a vida cristã, no entanto, nesta justíssima ênfase e compreensão, podemos nos esquecer da importância vital da piedade.⁹ Notemos que não estou dizendo que isto aconteça conosco com frequência ou, que este seja o nosso ponto fraco, apenas observo que devemos vigiar neste flanco, para que o inimigo não alcance êxito em seu desígnio destruidor. Paulo fala dos “desígnios” de Satanás (2Co 2.11),¹⁰ indicando a idéia de que ele tem metas definidas, estratégias elaboradas, um programa de ação com variedades de técnicas e opções a serem aplicadas conforme as circunstâncias. Ele emprega toda a sua “*energia*” (2Ts 2.9).¹¹ Neste texto fica claro que Satanás se vale de todos os recursos a ele disponíveis, contudo, como não poderia ser diferente, amparado na “*mentira*” –

⁷“A oração é sempre necessária como instrução (...). Transmitir conhecimento não basta. É igualmente essencial que oremos – que oremos por nós mesmos, para que Deus nos faça receptivos ao conhecimento e à instrução; que oremos para sermos capacitados a agasalhar o conhecimento recebido e aplicá-lo; que oremos para que não fique só em nossas mentes, e sim que se apegue aos nossos corações, dobre as nossas vontades e afete o homem todo. O conhecimento, a instrução e a oração devem andar sempre juntos; jamais devem estar separados” (D. Martyn Lloyd-Jones, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 98).

⁸W. Robert Godfrey, *A Reforma do Culto*: In: James M. Boice, et. al. eds. *Reforma Hoje*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 155.

⁹Vejam-se, entre outros: D.M. Lloyd-Jones, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, p. 8, 85-86, 165, 254; D.M. Lloyd-Jones, *O Combate Cristão*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991, p. 101-103, 127; D.M. Lloyd-Jones, *Deus o Pai, Deus o Filho*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997 (Grandes Doutrinas Bíblicas, Vol. 1), p. 393.

¹⁰“*Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios* (no/hma)” (2Co 2.11). A palavra traduzida por “*desígnio*” (no/hma), ocorre cinco vezes no NT., sendo utilizada apenas por Paulo: 2Co 2.11; 3.14; 4.4; 10.5; 11.3; Fp 4.7, tendo o sentido de “*plano*” (Platão, *Política*, 260d), “*intenção maligna*”, “*intrigas*”, “*ardis*”. Com exceção de Fp 4.7, a palavra sempre é usada negativamente no NT. No/hma é o resultado da atividade do nou=j (mente); (J. Behm & E. Würthwein, nou=j, etc. In: Gerhard Kittel & G. Friedrich, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. IV, p. 960). “É a faculdade geral do juízo, que pode tomar decisões e pronunciar certos ou errados os veredictos, conforme as influências às quais tem sido expostas” (J. Goetzmann, *Razão*: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. IV, p. 32).

¹¹“*Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia* (e)ne/rgeia) *de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira*” (2Ts 2.9). Satanás atua de forma eficaz na consecução dos seus objetivos: e)ne/rgeia (energia) – “*trabalho efetivo*” –, de onde vem a nossa palavra “*energia*”, passando pelo latim, “*energía*”. Esse substantivo é empregado tanto para Deus (Ef 3.7; 4.16; Fp 3.21; Cl 1.29; 2.12) como para Satanás (2Ts 2.9). Estando este subordinado à e)ne/rgeia de Deus (2Ts 2.11). E)ne/rgeia e seus derivados, no NT., descreve sempre um poder eficaz em atividade sobre-humana, através da qual a natureza de quem a exerce se revela (Vd. W. Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento*, p. 51-57).

que lhe é própria (Jo 8.44)¹² –, para realizar os seus propósitos.

D.M. Lloyd-Jones (1899-1981), assim se expressou:

“O ministro do Evangelho é um homem que está sempre lutando em duas frentes. Primeiro ele tem que concitar as pessoas a se interessarem por doutrina e pela teologia, todavia não demorará muito nisso antes de perceber que terá que abrir uma segunda frente e dizer às pessoas que não é suficiente interessar-se somente por doutrinas e teologia, que você corre o perigo de se tornar um mero intelectualista ortodoxo e de ir ficando negligente quanto à sua vida espiritual e quanto à vida da Igreja. Este é o perigo que assedia os que sustentam a posição reformada. Essas são as únicas pessoas realmente interessadas em teologia, pelo que o diabo vem a eles e os impele para demasiado longe na linha desse interesse, e eles tendem a tornar-se meros teólogos e só intelectualmente interessados na verdade”.¹³

A Teologia não termina em conhecimento teórico e abstrato, antes se plenifica no conhecimento prático e existencial de Deus através da Sua Revelação nas Escrituras Sagradas, mediante a iluminação do Espírito. Conhecer a Deus é obedecer a Seus mandamentos. “A boa teologia desloca-se da cabeça até o coração e, finalmente, até a mão”.¹⁴ A Teologia não pode ser um estudo descompromissado feito por um transeunte acadêmico; ela é função da Igreja Cristã, dentro da qual estamos inseridos. “Estudamos dogmática como membros da Igreja, com a consciência que temos uma incumbência dada por ela um serviço a lhe prestar, devido a uma compulsão que pode originar-se somente no seu interior”.¹⁵ “Pensamento dogmático não é somente pensar sobre a fé, é um pensar *crendo*”, conclui Brunner (1889-1966).¹⁶

Calvino está convencido de que ninguém pode “provar sequer o mais leve gosto da reta e sã doutrina, a não ser aquele que se haja feito discípulo da Escritura”.¹⁷ E, que “só quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito é que a Palavra logra produzir algum efeito”.¹⁸ Portanto, “O conhecimento de todas

¹² “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44).

¹³ D. M. Lloyd-Jones, *Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993, p. 22.

¹⁴ Stanley J. Grenz & Roger E. Olson, *Quem Precisa de Teologia? Um convite ao estudo sobre Deus e sua relação com o ser humano*, São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 51.

¹⁵ Emil Brunner, *Dogmática*, São Paulo: Novo Século, 2004, Vol. 1, p. 15.

¹⁶ Emil Brunner, *Dogmática*, Vol. 1, p. 18.

¹⁷ J. Calvino, *As Institutas*, I.6.2. Os verdadeiros discípulos da Escritura tornam-se “discípulos da Igreja” [Ver: João Calvino, *Efésios*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Ef 4.13), p. 126].

¹⁸ J. Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 10.16), p. 374.

as ciências não passa de fumaça quando separada da ciência celestial de Cristo”.¹⁹ Deste modo, “O homem que mais progride na piedade é também o melhor discípulo de Cristo, e o único homem que deve ser tido na conta de genuíno teólogo é aquele que pode edificar a consciência humana no temor de Deus”.²⁰

Através da História diversos teólogos têm insistido neste ponto. O luterano Davi Chyträus (1530-1600) – aluno de Melanchthon (1497-1560) –, resumiu bem este espírito, quando escreveu em 1581: “Demonstramos ser cristãos e teólogos muito mais através da fé, da vida santa e do amor a Deus e ao próximo, do que através da astúcia e das sutilezas das polêmicas”.²¹ Ele também costumava repetir aos seus alunos durante o ano: “O estudo da teologia não deve ser conduzido através da rixa e disputa, mas pela prática da piedade”.²²

A *Teologia* – que a muitos faz estremecer de reverência ou de espanto –²³ na forma que estamos analisando, tem o sentido de procura bíblica pelos fundamentos da evangelização, não uma teorização ou especulação²⁴ que venha satisfazer o

¹⁹ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 1.20), p. 60.

²⁰ João Calvino, *As Pastorais*, (Tt 1.1), p. 300. Para maior detalhamento deste ponto, ver: Hermisten M.P. Costa, *Anotações Sobre a Hermenêutica de Calvino – Compreensão a serviço da piedade e do ensino* –, São Paulo, 2005.

²¹ D. Chyträus, *Apud Ph. J. Spener, Mudança para o Futuro: Pia Desideria*, São Bernardo do Campo, SP./Curitiba, PR.: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião/Encontrão Editora, 1996, p. 114 e 30. (Vd. também, Spener, *Ibidem.*, p. 102-117).

²² D. Chyträus, *Apud Ph. J. Spener, Pia Desideria*, São Bernardo do Campo, SP.: Imprensa Metodista, 1985, p. 30. (Esta frase de Chyträus foi omitida na edição mais recente, citada supra, conforme explicação do editor).

²³ Quanto à estupefação que a palavra “teologia” causa, Vd. por exemplo: Helmut Thielicke, *Recomendações aos Jovens Teólogos e Pastores*, São Paulo: Sepal, 1990, 69p.; William Hordern, *Teologia Protestante ao Alcance de Todos*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974, p. 11ss.

²⁴ Se a especulação indevida é um mal; devemos observar também, que mal semelhante é negligenciar o estudo daquilo que Deus nos revelou em Sua Palavra. Calvino (1509-1564) nos advertiu quanto a isto, dizendo: “As cousas que o Senhor deixou recônditas em secreto não perscrutemos, as que pôs a descoberto não negligenciemos, para que não sejamos condenados ou de excessiva curiosidade, de uma parte, ou de ingratidão, de outra” (*As Institutas*, III.21.4). Alhures, ele observa que a sabedoria consiste em reconhecer os nossos limites. “Nem nos envergonhemos em até este ponto submeter o entendimento à sabedoria imensa de Deus, que em Seus muitos arcanos sucumba. Pois, dessas cousas que nem é dado, nem é lícito saber, douda é a ignorância, a avidez de conhecimento, uma espécie de loucura” (*As Institutas*, III.23.8).

Calvino orientou-nos pastoralmente, dizendo: “...Que esta seja a nossa regra sacra: não procurar saber nada mais senão o que a Escritura nos ensina. Onde o Senhor fecha seus próprios lábios, que nós igualmente impeçamos nossas mentes de avançar sequer um passo a mais” [J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 9.14), p. 330].

“Aqueles que inquirem curiosamente acerca de tudo, e que jamais ficam satisfeitos, podem com justiça ser chamados ‘questionadores’. Em suma, as coisas mantidas em elevada estima pelos eruditos da Sorbonne são aqui condenadas pelo apóstolo. Porquanto toda a teologia dos papistas nada é senão um labirinto de questões” [João Calvino, *As Pastorais*, (Tt 3.9) p. 355].

nosso intelecto. Na realidade, a especulação, ainda que tenha muitos adeptos, tende a nos afastar da verdade, da pureza do Evangelho.²⁵ A profundidade teológica está aliada ao conhecimento experimental²⁶ de Deus em Cristo (Jr 9.24; Os 6.3; Mt 11.27; Jo 14.6,9; 2Pe 3.18) e, como disse J.I. Packer, "Conhecer a Deus é um relacionamento capaz de fazer vibrar o coração do homem".²⁷

Nesta manhã, quando estamos iniciando o estudo concernente à *Teologia da Evangelização*, desejo agradecer a Deus a oportunidade que Ele me concedeu de poder estudar este assunto. Apesar de este tema ter sido alvo de minhas reflexões desde os meus tempos de estudante, somente por volta de 1994 pude me deter nele com mais vagar. Agora, novamente volto a estudá-lo, tendo as mesmas convicções e, ao mesmo tempo, maior consciência de sua relevância e necessidade para a vida da Igreja.

Meu desejo é que este estudo seja edificante para todos os irmãos, como o foi e tem sido para mim e, que através de uma compreensão mais clara do significado da *Evangelização*, possamos sair a campo, com maior entusiasmo, no poder do Espírito (At 1.8).

Este tema por si só, revela duas preocupações extremamente relevantes: **1)** O desejo de evangelizar e **2)** Conhecer com maior profundidade, o fundamento teológico da evangelização. Por outro lado, podemos notar que estes anseios trazem em seu bojo uma constatação, quiçá ainda não plenamente consciente, de que nem tudo o que se tem chamado de *Evangelização*, tem um fundamento bíblico-teológico, daí a necessidade de se estudar o assunto.

Algumas pessoas ao ouvirem o nosso tema, talvez ficassem a pensar sobre o seu significado, perguntando-se se "evangelizar não é simplesmente evangelizar". Ora, de fato, evangelizar deve ser evangelizar, caso contrário não seria evangelização. Mas, que significa evangelizar? Quais os fundamentos da evangelização? Que pressupostos carregamos conosco quando evangelizamos? Quais são as metas da evangelização?. Estas são algumas das questões que pretendemos analisar biblicamente em nosso estudo, procurando encontrar na Palavra de Deus as respostas para que possamos nos conduzir segundo o Seu propósito.

Do mesmo modo, diz Agostinho: "Ignoremos de boa mente aquilo que Deus não quis que soubéssemos" [Agostinho, *Comentário aos Salmos*, São Paulo: Paulus, (Patrística, 9/1), 1998, Vol. I, (SI 6), p. 60].

²⁵ "O fútil ensino dos sofistas, erguendo-se em airoas especulações e sutilezas, não só obscurecem a simplicidade da doutrina genuína com suas implicações, mas também a oprimem e a fazem desprezível, já que o mundo quase sempre se deixa levar pela aparência externa" [João Calvino, *As Pastorais*, (1Tm 6.20), p. 186].

²⁶ Somente aquele que conhece experimentalmente a Deus pode confiar no Seu poder e descansar nas Suas Promessas. Vejam-se: J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 1980, p. 9-35; A.W. Pink, *Os Atributos de Deus*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1985, p. 5; *Idem.*, *Enriquecendo-se com a Bíblia*, São Paulo: Fiel, 1979, p. 15-27; Leon L. Morris, *Lucas: Introdução e Comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1973, p. 160.

²⁷ J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, p. 29.

1. A Fundamentação Histórica do Evangelho:

O Cristianismo é uma religião de história. Ele não se ampara em lendas, antes, em fatos os quais devem ser testemunhados, visto que eles têm uma relação direta com a vida dos que crêem. O Cristianismo é uma religião de fatos, palavra e vida. Os fatos, corretamente compreendidos, têm uma relação direta com a nossa vida. A fé cristã fundamenta-se no próprio Cristo: O Deus-Homem. Sem o Cristo Histórico não haveria Cristianismo.²⁸ O Cristianismo é o próprio Cristo. Como escreveu Bavinck (1854-1921): “Ele ocupa um lugar completamente único no Cristianismo. Ele não foi o fundador do Cristianismo em um sentido usual, ele é o Cristo, o que foi enviado pelo Pai e que fundou Seu reino sobre a terra e agora expande-o até o fim dos tempos. Cristo é o próprio Cristianismo. Ele não está fora, Ele está dentro do Cristianismo. Sem Seu nome, pessoa e obra, não há Cristianismo. Em outras palavras, Cristo não é aquele que aponta o caminho para o Cristianismo, Ele mesmo é o caminho”.²⁹

Noll resume bem ao dizer que: “Estudar a história do cristianismo é lembrar continuamente o caráter histórico da fé cristã”.³⁰

Sem o fato histórico da encarnação, morte e ressurreição de Cristo, podemos falar até de experiência religiosa, mas não de experiência cristã. A experiência cristã depende fundamentalmente destes eventos.³¹ A fé cristã é para ser vivida e proclamada. A pregação caracteriza essencialmente a fé cristã e a sua proclamação. Paulo, então indaga: “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” (Rm 10.14-15). No final de sua vida, Paulo, com a consciência certa de ter concluído fielmente o seu ministério, exorta ao jovem Timóteo: “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às *fábulas* (mu=qoj = lenda, mito). Tu, porém, sé sóbrio

²⁸ Georges Duby (1919-1996), dentro de uma perspectiva puramente histórica, admite: “O Cristianismo, que impregnou fundamentalmente a sociedade medieval, é uma religião da história. Proclama que o mundo foi criado num dado momento e que, num outro, Deus fez-se homem para salvar a humanidade. A partir disso, a história continua e é Deus quem a dirige.” (Georges Duby, *Ano 1000, ano 2000, na pista de nossos medos*, São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999, p. 16).

²⁹ Herman Bavinck, *Teologia Sistemática*, Santa Bárbara d'Oeste, SP.: SOCEP., 2001, p. 311.

³⁰ Mark A. Noll, *Momentos Decisivos na História do Cristianismo*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000, p. 16. Vejam-se também: Clyde P. Greer, Jr., *Refletindo Honestamente sobre a História*: In: John F. MacArthur Jr. ed. ger. *Pense Biblicamente!: recuperando a visão cristã do mundo*, São Paulo: Hagnos, 2005, p. 400-401.

³¹ Cf. J. Gresham Machen, *Cristianismo e Liberalismo*, São Paulo: Os Puritanos, 2001, p. 77.

em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (2Tm 4.2-5).

2. Definição de Evangelização:

Podemos definir operacionalmente a evangelização, como sendo a proclamação essencial³² da Igreja de Cristo, que consiste no anúncio de Suas perfeições e de Sua obra salvífica, conforme ensinadas nas Sagradas Escrituras, reivindicando pelo Espírito, que os homens se arrependam de seus pecados e creiam salvadoramente em Cristo.

Evangelizar significa confrontar os homens com as reivindicações de Cristo, decorrentes do caráter de Deus.

Deste modo, a Evangelização deve ser definida dentro de uma perspectiva da sua *mensagem*, não do seu *resultado*. Nem toda proclamação que “surte efeito” é evangelização e, nem toda a pregação que “não alcança os resultados esperados”, deixou de ser evangelização.³³ Esta visão pragmática não pode ser aplicada à evangelização, sem que percamos de vista o seu significado fundamental. Há sempre o perigo de forjarmos resultados partindo de métodos estranhos à Palavra. Por exemplo: em busca de uma maior vivacidade espiritual de nossos ouvintes, podemos criar um ambiente artificial de alegria e comunhão, tendo o pressuposto ilusório de que todas as pessoas demonstram o seu contentamento, edificação e crescimento do mesmo modo. Possivelmente sem perceber, elegemo-nos, sem nenhuma modéstia, o padrão comportamental litúrgico de todas as pessoas, tornamo-nos, por nossa conta e risco, o “metroliturgós”... Dentro desta insanidade tão comum em nossos tempos, começamos a pregar de forma “diferente” para atrair, contagiar e, até mesmo, converter pecadores endurecidos. Quando assim fazemos, estamos, sem nos darmos conta, passando a confiar em nossos métodos, e não mais no Evangelho como o Poder de Deus para a transformação (Rm 1.16). Insisto: a proclamação cristã deve ser avaliada primeiramente pelo seu conteúdo, não simplesmente pelo seu aparente resultado.

³² Coloquei a evangelização como uma “proclamação essencial”, por entender que a Igreja por si só já é um testemunho do “Evangelho de Deus” e, como tal, faz parte da sua essência anunciá-lo como realidade historicada. João Calvino (1509-1564) observou com precisão, que uma das marcas da Igreja de Cristo, é a “pregação pura da Palavra de Deus” (Vd. *As Institutas, Dedicatória*, 10; IV.1.9-12; IV.2.1).

³³ Vejam-se: J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 22ss.; 29ss.; John R.W. Stott, *A Base Bíblica da Evangelização*: In: *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*, São Paulo/ Belo Horizonte, MG.: ABU/Visão Mundial, 1982, p. 39-40.

3. A Palavra do Senhor como Conteúdo do Evangelho.³⁴

“Este é o sentido da parábola: a semente é a palavra de Deus (lo, goj tou/ qeou/)” – Lc 8.11.

“Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus (lo, goj tou/ qeou/)” – Ap 19.13.

A) SUA SUFICIÊNCIA:

Lucas relata que após Paulo e seus companheiros (At 15.22,30-34) levarem a decisão de Jerusalém para as igrejas. Paulo e Barnabé, juntamente com muitos outros irmãos, permaneceram em Antioquia “ensinando (dida/skw) e pregando (eu) aggeli/zomai) com muitos outros, a palavra do Senhor (lo, gon tou/ kuri, ou)” (At 15.35). Agora, talvez fosse o momento de esses homens começarem a falar da decisão do Concílio, da fraqueza de alguns judeus, quem sabe até de apóstolos e presbíteros, da pressão de outros ou, quem sabe, enfatizar a sua influência para que o parecer fosse unânime (At 15.22,28), ainda mais considerando que Paulo e Barnabé foram relevantes neste evento, tendo, inclusive, a honra de falar a todo Concílio que os ouviu atentamente (At 15.12). No entanto, o Evangelho não é isso, antes é o ensino e proclamação da Palavra do Senhor. Evangelizar não é falar de nossa igreja, nossa posição, nossa inteligência ou mesmo humildade, antes anunciar a Palavra do Senhor. Somente a Palavra de Deus é poderosa para transformar e edificar; “... a Palavra do Senhor é semente frutífera por sua própria natureza”.³⁵ Deus Se dignou em consagrar a Si mesmo “as bocas e línguas dos homens, para que neles faça ressoar Sua própria voz”.³⁶ Portanto, como servos não estamos trabalhando a nosso próprio serviço, mas de Cristo; não buscamos discípulos para nós mesmos, mas para Jesus Cristo: “A fé não admite glorificação

³⁴ Vd. Hermisten M.P. Costa, *Teologia do Culto*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987, p. 37-40; *Idem.*, *A Graça de Deus: Comum ou Exclusiva?*, São Paulo: 1990, p. 11-12; *Idem.*, *O Ministério do Espírito Santo (IV)*, São Paulo: 1991, p. 8-9. H.W. Robinson faz uma observação que deve nos servir de alerta. Ele diz, por certo observando a realidade americana: “Um número significativo de ministros - dos quais muitos professam alta estima para as Escrituras - preparam seus sermões sem consultar a Bíblia de modo algum. Embora o texto sagrado sirva como aperitivo para colocar o sermão em andamento, o prato principal consiste no próprio pensamento do pregador ou no pensamento doutra pessoa, requentado para a ocasião” (Haddon W. Robinson, *A Pregação Bíblica*, São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 18)(De semelhante modo, são extremamente pertinentes as observações de Karl Lachler, *Prega a Palavra*, São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 30-44; J.M. Boice, *O Pregador e a Palavra de Deus*: In: James M. Boice, ed., *O Alicerce da Autoridade Bíblica*, São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 143-167; Albert N. Martin, *O Que há de Errado com a Pregação de Hoje?*, 45p.; Walter J. Chantry, *O Evangelho de Hoje: Autêntico ou Sintético?*, São Paulo: Fiel, 1978, 81p.

³⁵ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 3.6), p. 103.

³⁶ João Calvino, *As Institutas*, IV.1.5.

senão exclusivamente em Cristo. Segue-se que aqueles que exaltam excessivamente a homens, os privam de sua genuína grandeza. Pois a coisa mais importante de todas é que eles são ministros da fé, ou seja: conquistam seguidores, sim, mas não para eles mesmos, e, sim, para Cristo".³⁷

Todo o nosso anúncio deve estar fundamentado e cercado pela Palavra. O Evangelho é a Palavra do Senhor, não a nossa. Contudo, quanto mais confiamos em nossa capacidade e auto-relevância, mais estaremos dispostos a nos assenhorear da mensagem e, portanto, da proclamação. Assim, gradativamente creemos com bastante veemência em nossa sabedoria e atualidade; afinal, temos sido tão bem sucedidos neste método que nos persuadimos de que estamos anunciando o Evangelho. Na realidade, talvez sem que o tenhamos percebido, o Evangelho deixou de ser a Palavra do Senhor para ser a minha palavra, a minha compreensão, a minha opinião, a minha experiência, a minha perspectiva, a minha tese, etc. Notaram? A Palavra do Senhor desapareceu desta pregação. Para sermos justos, devemos dizer que a igreja também é responsável pelo surgimento e perpetuação destes personagens doentios com estas mensagens fictícias: temos, muitas vezes, aplaudido tais mensageiros, incentivado o ego de seus proponentes, os enchidos de fama e poder. Ao invés de examinarmos as Escrituras para ver se o que foi dito confere (At 17.11), simplesmente os aplaudimos porque gostamos e, se gostamos, dentro deste critério leviano, é verdade. Olhando pela perspectiva do "pregador", pergunto: Como perceber o erro quando as coisas parecem estar funcionando? Como entender que me desviei da Palavra do Senhor se os meus ouvintes se ampliam cada vez mais e dizem com um afago no ombro e um sorriso piedoso: "foi uma bênção"? Assim, sou levado a pensar que tenho um novo método de anunciar a Palavra; deste modo, meu próximo passo será escrever um livro com o título: *A Palavra do Senhor segundo a minha interpretação...*

Por outro lado, quanto mais confiarmos no poder de Deus operante através da Palavra, menos estaremos dispostos a confiar em nossa suposta capacidade. A nossa oratória pode e certamente não é totalmente adequada; no entanto, a Palavra que pregamos, jamais será ineficaz no seu propósito. Neste sentido, escreveu Chappell: "Quando os pregadores percebem o poder que a Palavra possui, a confiança em seu chamado cresce, da mesma forma que o orgulho em seu desempenho murcha. Não precisamos temer nossa ineficácia quando falamos das verdades que Deus revestiu de poder para a realização dos seus propósitos. Ao mesmo tempo trabalhar como se nossos talentos fossem os responsáveis pela transformação espiritual, torna-nos semelhantes a um mensageiro que reivindicava mérito por ter posto fim à guerra por haver ele entregue a declaração escrita de paz. O mensageiro tem uma nobre tarefa a realizar, mas porá em risco sua missão e depreciará o verdadeiro vitorioso se atribuir a si façanhas pessoais. Mérito, honra e glória com relação aos efeitos da pregação pertencem apenas a Cristo, pois somente a Palavra produz renovação espiritual".³⁸

³⁷ J. Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1Co 3.5), p. 101-102.

³⁸ Bryan Chappell, *Pregação Cristocêntrica*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 22.

Pedro e João quando pregaram em Samaria – tendo sido anteceditos pela pregação de Filipe com grande número de conversões (At 8.5-8) –, registra Lucas: “*Eles, porém, havendo testificado e falado a palavra do Senhor (lo,gon tou/ kuri,ou), voltaram para Jerusalém e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos*” (At 8.25).

A despeito de toda perseguição contra a igreja, inclusive com o assassinato de Tiago por parte de Herodes (At 12.2), diz a Escritura: “*Entretanto, a palavra do Senhor (lo,goj tou/ qeou/)³⁹ crescia e se multiplicava*” (At 12.24).⁴⁰ Deus continuava operando poderosamente através de Sua Palavra. Como sempre, Deus honra e honrará a Sua Palavra, não as nossas opiniões.⁴¹

Quando Paulo e Barnabé pregam na Sinagoga de Antioquia, os judeus ficam impressionadas com a sua exposição do Antigo Testamento e como este apontava para Jesus Cristo. Convidaram-no para que repetissem a mensagem no sábado seguinte (At 13.42). Certamente alguns creram na mensagem (At 13.43). No sábado seguinte o auditório tornou-se ainda maior; todos queriam ouvir a palavra de Deus: “*No sábado seguinte, afluiu quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus (lo/goj tou= qeou=)*” (At 13.44). Enfrentando oposição de alguns judeus, Paulo demonstra que a mensagem rejeitada pelos judeus era agora destinada aos gentios. Registra então Lucas: “*Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor (lo,gon tou/ kuri,ou), e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna. E divulgava-se a palavra do Senhor (lo,goj tou/ kuri,ou) por toda aquela região*” (At 13.48-49). Notemos: Os gentios se alegraram com a mensagem e, por isso, “*glorificavam a palavra do Senhor*” e, na seqüência, a palavra do Senhor é que se divulgou em toda região. Deus transforma os corações e faz com que a Sua Palavra, pelo testemunho e pelos efeitos dos que por ela foram alcançados, se expanda. Algo semelhante vemos na igreja de Tessalônica: “*Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor (lo,goj tou/ kuri,ou) não só na Macedônia e Acaia, mas também por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma; pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso*

³⁹ Literalmente: “Palavra de Deus”.

⁴⁰ Lemos também que após a eleição dos primeiros diáconos, “*Crescia a palavra de Deus (lo,goj tou/ qeou/), e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé*” (At 6.7).

⁴¹ “O Espírito Santo é o poder atuante na Igreja, e o Espírito Santo jamais honrará coisa alguma senão a Sua Palavra. Foi o Espírito Santo quem nos deu esta Palavra. Ele é o seu Autor. Não é dos homens! Tampouco a Bíblia é produto da 'carne' e do 'sangue' (...). O Espírito não honrará nada, senão Sua Palavra. Portanto, se não cremos e não aceitarmos sua Palavra, ou se de algum modo nos desviarmos dela, não teremos direito de esperar a bênção do Espírito Santo. O Espírito Santo honrará a verdade, e não honrará outra coisa. Seja o que for que fizermos, se não honrarmos esta verdade, Ele não nos honrará” (D.M. Lloyd-Jones, *O Combate Cristão*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991, p. 103).

meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1.8-9).⁴²

Quando Paulo e Barnabé entenderam que tinham que direcionar o seu ministério para outras cidades, saindo de Antioquia, registra o Livro de Atos: *“Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: Voltemos, agora, para visitar os irmãos por todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor (lo,gon tou/ kuri,ou), para ver como passam” (At 15.36)*. Destaquemos: a Palavra do Senhor era a sua pregação em todas as cidades; não era uma exceção aqui ou acolá. Mais: a Palavra do Senhor havia operado poderosamente, tanto é assim que agora eles vão visitar “os irmãos”. Ou seja: Muitos de seus ouvintes haviam criado na Palavra do Senhor e, portanto, se agregado à Igreja. De fato, *“... creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna” (At 13.48)*. A indignação dos judeus não era simplesmente contra Paulo, antes, contra a sua persistente e contínua mensagem: *“Mas, logo que os judeus de Tessalônica souberam que a palavra de Deus (lo,goj tou/ qeou/) era anunciada por Paulo também em Beréia, foram lá excitar e perturbar o povo” (At 17.13)*. Note o “também” do texto. Os judeus o perseguiram em Tessalônica por causa desta mensagem; agora, eles tomam conhecimento de que em Beréia (80 kms de Tessalônica) Paulo persiste; eles não resistem: *“foram lá excitar e perturbar o povo”*.

A *Palavra do Senhor* não significa apenas o primeiro anúncio, os primeiros passos do Evangelho, como se dissessem: no primeiro momento anunciamos a Palavra do Senhor; depois “elevamos” o nível, não. Lucas relata que Paulo passou dois anos pregando diariamente na Escola de Tirano em Éfeso. A mensagem era a mesma Palavra do Senhor; não havia o que de fato acrescentar: *“Durou isto por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor (lo,gon tou/ kuri,ou), tanto judeus como gregos” (At 19.10)*. O resultado desta pregação acompanhada de sinais através dos quais Deus operou (At 19.11),⁴³ foi que *“Assim, a palavra do Senhor (lo,goj tou/ kuri,ou) crescia e prevalecia poderosamente” (At 19.20)*.

Anos mais tarde, Paulo está preso em Roma; já fora julgado e aguardava o veredicto (Fp 2.19,23,24). Analisando os fatos que lhe aconteceram, ele pôde concluir que através da sua prisão, englobando todos os elementos decorrentes da sua situação de preso, o Evangelho estava sendo anunciado. Escreve então aos filipenses: *“Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as cousas que me aconteceram têm an-*

⁴² Por sua vez, a igreja quando não age coerentemente com a Palavra, torna-se instrumento de sua difamação. Paulo orienta a Tito quanto às diversas instruções que deveria dar à igreja. A certa altura diz: *“Quanto às mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias em seu proceder, não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a palavra de Deus (lo,goj tou/ qeou/) não seja difamada” (Tt 2.5)*.

⁴³ “O milagre não é maior que o poder da Palavra, é uma demonstração que a acompanha” (David Martyn Lloyd-Jones, *Cristianismo Autêntico: Sermões nos Atos dos Apóstolos*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2006, Vol. 2, p. 258).

tes contribuído para o progresso⁴⁴ do evangelho” (Fp 1.12).

Paulo compartilhava com uma igreja também sofrida (Fp 1.27-30), que a sua prisão, ao invés de fechar as portas para a proclamação do Evangelho, estava abrindo novas, inimagináveis e estimulantes oportunidades para o seu testemunho. Como diz Hendriksen, “quando o Apóstolo foi para Roma como prisioneiro, na verdade foi o evangelho que entrou em Roma”.⁴⁵ Ele demonstra a sua tese: “De maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana⁴⁶ e de todos os demais” (Fp 1.13). Paulo estava algemado a um soldado; havia um revezamento entre os guardas que ficavam com ele. Eles acompanhavam o testemunho de Paulo em todas as suas amarguras e sofrimentos; viam-no aconselhar, orientar e orar com e por aqueles que o procuravam; ditar as suas epístolas para um secretário, conversava com eles, etc. Isto por certo contribuiu para que muitos destes homens recebessem a Cristo ou, mesmo que isto não acontecesse, estes soldados falavam a respeito do testemunho e ensinamentos daquele prisioneiro tão diferente dos demais. A sua fama corria. Por isso Paulo acrescenta: “e de todos (ο (/1%) os demais” (Fp 1.13), isto é: os habitantes de Roma em geral. Sintomaticamente, no final da carta, Paulo escreve: “Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César” (Fp 4.22). Certamente referia-se a muitos dos serviços de César – escravos e ex-escravos, possivelmente, entre eles, alguns da “guarda pretoriana” que teriam se convertido.⁴⁷

Observem: Paulo estava preso, mas a Palavra de Deus não podia ser aprisionada: Mais tarde ele escreveria a Timóteo, dizendo que por Jesus Cristo, “estou sofrendo até algemas, como malfeitor; contudo, a palavra de Deus (logoj tou= ge-

⁴⁴ A palavra “progresso” quer dizer: “avanço a despeito das obstruções e perigos que bloqueiam o caminho do viandante” (Ralph P. Martin, *Filipenses: introdução e comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1985, p. 83). O substantivo era empregado para designar o avanço de um exército ou de uma expedição (William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, Buenos Aires: La Aurora, (Vol. 11), 1973, p. 23).

⁴⁵ William Hendriksen, *Exposição de Filipenses*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 96.

⁴⁶ A “guarda pretoriana”, (praítw//rion) nos tempos de Paulo, era a guarda de elite, a guarda imperial que tinha a responsabilidade de manter a boa ordem. Os seus membros eram privilegiados, chegando a receber três vezes mais do que os outros soldados regulares; serviam apenas durante 16 anos, tendo uma aposentadoria especial. Esta guarda que fora criada no período anterior a Era Cristã, duraria – com alterações –, até o ano 312 quando Constantino a desativou (Vd. Guarda Pretoriana: In: R.N. Champlin & João Marques Bentes, *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1991, Vol. 5, p. 376-377).

Todavia, no texto, ao que parece, a idéia é de que o testemunho de Paulo, aquele misterioso prisioneiro, alcançou todo o “Pretório”; uma espécie de palácio do governador (nas províncias), onde também ficava a sua casa; aqui, usado de forma figurada, referido-se talvez ao palácio do imperador ou à casa das autoridades judiciais... (*Mt 27.27; Mc 15.16; Jo 18.28 (duas vezes); 18.33; 19.9; At 23.35; Fp 1.13). Seja como for, as notícias a respeito de Paulo se espalharam entre as autoridades romanas.

⁴⁷ Para um exame de algumas hipóteses, ver: F.F. Bruce, *O Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Filipenses*, São Paulo: Vida, 1992, p. 167-169; Ralph P. Martin, *Filipenses: introdução e comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1985, p. 185; William Hendriksen, *Exposição de Filipenses*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 272-273; R.C.H. Lenski, *St Paul's Epistle The the Philippians*, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, (Commentary on the New Testament), 1998, p. 899-900.

ou=) *não está algemada*” (2Tm 2.9). Nada nem ninguém podem deter a Palavra de Deus; os homens podem criar armadilhas para impedir a mensagem, contudo, a Palavra de Deus é o poder de Deus!

B) A MENTE CATIVA: A PALAVRA DE OUTRO “SENHOR”:

Uma das prisões mais sutis com a qual nos deparamos e, com freqüência, sem perceber nela estamos, é a prisão de nossa mente: uma forma direcionada de pensar, cativa de determinados valores com os quais somos bombardeados diariamente e fortalecidos pelo próprio meio em que vivemos, sem que tenhamos necessariamente um filtro adequado para selecionar de modo crítico o que vemos e ouvimos. Assim, sem que nos demos conta, estamos assimilando valores que nos aprisionam, tornamo-nos “escravos” de uma maneira de pensar e conseqüentemente de agir; determinando, portanto, o nosso modo de ver a realidade, nos relacionar, criar nossos filhos, tratar nossos irmãos, trabalhar, estudar, nos divertir e, no nosso caso específico, de pastorear e expor ou não a Palavra. Deste modo, sem que percebamos, temos, em nome da liberdade de pensamento, uma mente estruturalmente cativa. Lloyd-Jones coloca a questão nestes termos: “A maior tirania que temos que enfrentar nesta vida é a perspectiva mundana. Ela se insinua em nosso pensamento em toda parte, e nós a recebemos imediatamente após nascermos.⁴⁸ (...) O mundo tende a controlar o nosso pensamento, a nossa perspectiva e a nossa mentalidade”.⁴⁹

Paulo escrevendo a Segunda Epístola aos Coríntios trabalha com um conflito evidente de “senhorio”: Quem é o Senhor de nossa mente e de nossa vida? Quais são os valores que priorizamos? A maneira como encaramos a realidade, por si só já não nos diz a quem servimos?

Diante das acusações dos falsos mestres que estavam influenciando a igreja de Corinto, escreve: *“Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo”* (2Co 10.3-5). Paulo era um mestre da Lei, um erudito que conhecia bem a literatura judaica e grega, expressando-se de modo fluente em grego, hebraico e possivelmente em latim. Aqui estava um homem que dispunha de grandes recursos para se gloriar no seu saber e recursos; no entanto, Paulo argumenta que mesmo vivendo neste mundo com as limitações próprias – *“andando na carne”* (2Co 10.3) –, as suas armas não são carnis, antes são espirituais; o seu ministério não é caracterizado por ausência de recursos espirituais, antes, todo ele é realizado no poder de Deus.

⁴⁸ “A menos que Deus mude a maneira de pensarmos – o que Ele faz em alguns pelo milagre do novo nascimento – nossas mentes sempre nos dirão para nos virarmos contra Deus – o que é precisamente o que fazemos” (James M. Boice, *O Evangelho da Graça*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 111).

⁴⁹ D.M. Lloyd-Jones, *Seguros Mesmo no Mundo*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2005 (Certeza Espiritual: Vol. 2), p. 28 e 29.

As suas armas – que tem como fundamento a Palavra de Deus (Ef 6.17)⁵⁰ –, são poderosas em Deus para destruir fortalezas; anulando sofismas. Notemos que as “armas carnis não precisam ser más, mas incluem as que consistem de poder humano, tais como eloquência, organização, propaganda e coisas semelhantes, que são, por si mesmas, neutras, mas que podem ser usadas para o mal, por serem subservientes ao egoísmo, artimanhas e violência caracteristicamente humanas”.⁵¹

Paulo temia pela corrupção da mente dos coríntios que davam crédito aos falsos apóstolos que, usados por Satanás, os afastavam da simplicidade do Evangelho: “*Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia* (pa-nourgi/a⁵² = “ardil”, “truque”, “maquinação”, “trapaça”), *assim também sejam corrompidas as vossas mentes* (no/hma), *e se apartem da simplicidade e pureza devidas a Cristo*” (2Co 11.3). Esta era uma forma de Satanás atuar, obscurecendo a mente (no/hma) dos homens. Paulo após falar dos *desígnios* (no/hma)⁵³ de Satanás (2Co 2.11) – indicando a idéia de que ele tem metas definidas, estratégias elaboradas, um programa de ação com variedades de técnicas e opções a serem aplicadas conforme as circunstâncias –, diz que, “... *O deus deste século cegou os entendimentos* (no/hma) *dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus*” (2Co 4.4). Na realidade, é possível, – e creio que conhecemos bem isso –, criar uma atmosfera contrária à fé cristã; uma má vontade para com a verdade; uma estrutura de pensamento totalmente secularizada, onde não há lugar para Deus, valores e conceitos objetivos. O pecado afeta a totalidade do homem, inclusive o seu intelecto.⁵⁴ Assim, criamos um universo de valor privado, onde a verdade é de cada um dentro dos significados subjetivos circunstanciais.

Veith diz que “normalmente, não são argumentos específicos contra o Cristianismo que perturbam a fé de uma pessoa, mas toda a atmosfera do pensamento contemporâneo”.⁵⁵ Por isso, o simples – ainda que não seja tão simples assim – fato de podermos pensar com clareza é uma bênção inestimável de Deus.⁵⁶

⁵⁰ “*Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus*” (Ef 6.17).

⁵¹ G.R. Beasley-Murray, *2 Coríntios*: In: Clifton J. Allen, ed. ger. *Comentário Bíblico Broadman*, Rio de Janeiro: JUERP., 1985, Vol. 11, p. 84.

⁵² Ocorre 5 vezes no NT.: Lc 20.23; 1Co 3.19; 2Co 4.2; 11.3; Ef 4.14.

⁵³ Conforme vimos, a palavra traduzida por “*desígnio*” (no/hma)(nóêma) ocorre cinco vezes no NT., sendo utilizada apenas por Paulo: 2Co 2.11; 3.14; 4.4; 10.5; 11.3; Fp 4.7, tendo o sentido de “*plano*” (Platão, *Política*, 260d), “*intenção maligna*”, “*intrigas*”, “*ardis*”. Com exceção de Fp 4.7, a palavra sempre é usada negativamente no NT.

⁵⁴ “O diabo de tal maneira enfeitiça as mentes dos homens que eles se apegam obstinadamente aos erros que em tempos passados assimilaram” [João Calvino, *O Profeta Daniel: 1-6*, São Paulo: Parakletos, 2000, Vol. 1, (Dn 3.2-7), p. 193]. Calvino também observa que os “incrédulos se encontram tão intoxicados por Satanás, que, em seu estupor, não têm consciência de sua miséria” [J. Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Parakletos, 1998, (2Tm 2.26), p. 247].

⁵⁵ Gene Edward Veith, Jr., *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 49.

⁵⁶ Ver. John MacArthur Jr., *Abaixo a Ansiedade*, São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 32.

“O pecado é antiintelectual”.⁵⁷

A questão então é: poderosas em Deus para quê? Analisemos a progressão do pensamento de Paulo:

a) “*Para destruir*⁵⁸ *fortalezas*” (* ο) xu/rwma)⁵⁹ (2Co 10.4). A palavra “fortaleza”, só ocorre aqui no NT, tendo um emprego secular de fortaleza de palavras, de argumentos presumivelmente considerados fortes e indestrutíveis; metaforicamente a expressão indica conceitos especulativos que se erguem contra a cruz de Cristo. O Espírito, por meio da Palavra, destrói a nossa forma viciada de pensar que obstaculizava a compreensão do Evangelho;

b) “*Anulando sofismas*” (logismo/j):⁶⁰ Toda a sabedoria carnal em oposição ao saber espiritual;

c) “*E toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus*” (2Co 10.5). As fortalezas geralmente eram construídas em lugares altos, sendo, portanto mais difícil combatê-las. Normalmente as coisas que exaltamos como sendo fundamentais e essenciais para a sua existência podem se constituir em fortalezas contra o conhecimento de Deus. As pessoas tendem a se julgar seguras dentro das “fortalezas” de seus argumentos contra o Evangelho; no entanto, os limites de pedra da razão e do coração humano não servem de empecilho absoluto contra o Evangelho;

d) “*Levando cativo todo pensamento* (no/hma) *à obediência de Cristo*” (2Co 10.5): “Esta imagem é a de uma fortaleza rompida; os que ali dentro se abrigavam, por detrás de muralhas, estão sendo levados em cativeiro. Assim é que o propósito do apóstolo não é apenas demolir os falsos argumentos, como também conduzir os pensamentos das pessoas sob o senhorio de Cristo. Seu apelo como apóstolo era implantar ‘a obediência por fé, entre todos os gentios’ (Rm 1.5)”.⁶¹

Somente desse modo – através do crescimento espiritual que consiste na obediência a Deus –, é possível, como diz Paulo aos efésios, “*que não mais andeis como*

⁵⁷ Gene Edward Veith, Jr., *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 72.

⁵⁸ kaqai/resij (kathairesis) = destruição (* 2Co 10.4,8; 13.10). O verbo, kaqaire/w (kataireō) tem o sentido de fazer descer, vencer, derrubar, destruir (Mc 15.36, 46; Lc 1.52; 12.18; 23.53; At 13.19, 29; 2Co 10.4).

⁵⁹ Nos papiros significa também prisão.

⁶⁰ Logismo/j significa, “computar”, “refletir”, “cogitar”, “conceber”, “raciocinar”. A palavra é proveniente de lo/goj. O termo pode ter também o sentido de argumento falso e sofisma (* Rm 2.15 (“*pensamentos*”); 2Co 10.4). (Sentido negativo é usado também em Pv 6.18) (logismo/j kakoi/) (logismos kakoi).

⁶¹ Colin Kruse, *2 Coríntios: Introdução e Comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1994, (2Co 10.5), p. 186.

também andam os gentios na vaidade [mataio/thj]⁶² dos seus próprios pensamentos [nou=j],⁶³ obscurecidos de entendimento [dia/noia],⁶⁴ alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações....” (Ef 4.17-18).

Paulo sabia, nós sabemos, que as armas devem ser usadas de acordo com o inimigo e o tipo de guerra. Davi, por exemplo, quando foi lutar contra o gigante Golias escolheu criteriosamente as pedras para usar em sua funda: “Tomou o seu cajado na mão, e escolheu (rAhfB “Bâhar”)⁶⁵ para si cinco pedras lisas do ribeiro....” (1Sm 17.40). Davi confiava em Deus e usou dos recursos de que dispunha e, neste caso, com os quais estava bem familiarizado. Tornando a Paulo, notemos que se a sua luta era espiritual, as suas armas deveriam ser também espirituais (2Co 10.4-5). Portanto, Paulo apresenta neste texto o caminho que seguiu e que caracterizava o seu Ministério: colocar todo o seu saber, todo o seu pensar, todo o seu sentir sob o domínio de Cristo, mantendo assim a sua mente aprisionada ao saber, conhecer e sentir de Cristo.⁶⁶ Paulo demonstra como fez isso. Destaco apenas a aplicação desse princípio na pregação da Palavra.

⁶² mataio/thj (mataiotês) (= *Vaidade, futilidade, vacuidade*) apresenta a idéia de ausência de objetivos [* Rm 8.20; Ef 4.17; 2Pe 2.18]. Ma/taioj = *Vão, fútil, tolo, sem valor.* (*At 14.15; 1Co 3.20; 15.17; Tt 3.9; Tg 1.26; 1Pe 1.18). “Na literatura grega, *mataios* e seus cognatos têm como pano de fundo certos valores estabelecidos, padrões morais, realidades religiosas, verdades e fatos reconhecidos. A conduta de qualquer pessoa que os deixa passar despercebidos, deliberadamente ou sem ser consciente disso, cai sob o julgamento de ser *mataios*” (E. Tiedtke, Vazio: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. IV, p, 692).

⁶³ nou=j (nous), da mesma raiz de no/hma, indica a mente, pensamento, modo de pensar, atitude e a faculdade de raciocinar.

⁶⁴ dia/noia (dianoia), pensamento, disposição, entendimento, inteligência, a mente como o órgão do pensamento, de interpretação. No texto de Efésios, Calvino interpreta a palavra como sendo a própria capacidade de pensar [João Calvino, *Efésios*, (Ef 4.17), p. 134]. [Deus deseja que O amemos com toda a nossa dia/noia (Mt 22.37; Mc 12.30; Lc 10.27); é Deus quem ilumina os olhos de nosso coração para que possamos ter a dia/noia (compreensão) espiritual (Ef 1.18/1Jo 5.20); antes disso éramos inimigos de Deus em nossa dia/noia (Cl 1.21); no entanto, Deus imprimiu, conforme a profecia cumprida em Cristo, a sua lei em nossa dia/noia (Hb 8.10; 10.16). A nossa dia/noia portanto, deve ser revestida com a Palavra a fim de permanecer esclarecida (2Pe 3.1/1Pe 1.13).

⁶⁵ rAhfB (“Bâhar”) significa “escolher”, “eleger”, “decidir por”, etc. O verbo e os seus derivados ocorrem 198 vezes no Antigo Testamento, havendo o predomínio do seu emprego na modalidade “*qal*”, (146 vezes) que indica uma ação completa. O verbo é usado cerca de 100 vezes referindo-se a Deus como sujeito da ação.

“Bâhar”, apesar de não ser necessariamente teológico, apresenta sempre a idéia de uma escolha criteriosa, bem pensada — daí, também o seu sentido de “testar”, “examinar” (Is 48.10; Pv 10.20) —, levando em consideração as opções (1Sm 17.40; 1Rs 18.25; Is 1.29; 40.20). (Para um estudo mais detalhado do uso da palavra no Antigo Testamento, ver: Hermisten M.P. Costa, *A Eleição de Deus – considerações bíblicas, teológicas e pastorais* —, São Paulo, 2005, 66p).

⁶⁶ Aqui temos um princípio: não descansar simplesmente em nossas experiências. “... sempre que descansamos contentes com as nossas próprias experiências e somos sábios aos nossos próprios olhos, nos mantemos distanciados de toda e qualquer aproximação da doutrina de Cristo” [João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, São Paulo: Edições Paracletos, 1995, (2Co 10.5), p. 203].

Com vivos, Paulo admite que anda na carne, ou seja, participa de todas as limitações humanas, contudo, o seu ministério não é caracterizado por ausência de recursos espirituais, antes todo ele é realizado no poder de Deus (2Co 10.4). Ele não andava com astúcia nem adulterando a Palavra de Deus (2Co 4.2).⁶⁷ As suas armas consistiam no anúncio fiel da Palavra de Deus, através da qual Deus opera (Rm 1.16).⁶⁸

Todo *pensamento* deve ser levado cativo a Cristo, contrastando com a nossa situação antiga de domínio do pecado sobre nós: “... *Vejo nos meus membros outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro* (ai) xmalwti/zw)⁶⁹ *da lei do pecado que está nos meus membros*” (Rm 7.23). Um dos perigos para nós cristãos é simplesmente não usar a nossa mente. A nossa conversão a Deus envolve também uma nova mente, uma nova maneira de perceber a realidade, vendo o real como de fato é. Nosso coração é mente precisam ser convertidos ao Senhor.⁷⁰ A nossa mente deve ser tão devotada a Deus como o nosso coração; excluí-la, significa, não amar a Deus como Ele requer: “*Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração* (kardi/a), *de toda a tua alma* (yuch,) *e de todo o teu entendimento* (dia/noia). *Este é o grande e primeiro mandamento*” (Mt 22.37-38).

Hoje fala-se com muita veemência sobre “métodos” evangelísticos, “estratégias” de plantação de igreja, etc. Notemos que estas questões não são irrelevantes, contudo, é necessário que não transfiramos a fonte do poder do Evangelho para o nosso método ou estratégia. Tornemos ao Novo Testamento: Anos mais tarde, Paulo relataria como foi que chegou a Corinto e começou a pregar o Evangelho: “*Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. (...) A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus*” (1Co 2.1,4-5).

A mente cativa se revela na pregação do Evangelho de modo simples e fiel aos ensinamentos bíblicos, não em demonstração de erudição, mas em fidelidade à Palavra, sob o poder do Espírito. Paulo sabia que a transformação do Evangelho em mera sabedoria de palavras esvaziaria o significado da mensagem da cruz.⁷¹ Além

⁶⁷ “... *rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade*” (2Co 4.2).

⁶⁸ “*Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego*” (Rm 1.16).

⁶⁹ (ai) xmalwti/zw (aichmalötizō) (* Lc 21.24; Rm 7.23; 2Co 10.5).

⁷⁰ Ver: Oliver Barclay, *Developing a Christian Mind*, Great Britain: Christian Focus, 2006, p. 16-17; Gene Edward Veith, Jr., *De Todo o Teu Entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 133-138.

⁷¹ “Se Paulo tivesse usado a acuidade de um filósofo e a linguagem pomposa em seu trato com os coríntios, o poder da Cruz de Cristo, no qual a salvação dos homens consiste, teria sido sepultada, porque ele não poderia nos alcançar desta maneira” (João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 1.17), p. 53).

disso, não é a nossa suposta erudição que vai converter alguém: as nossas palavras não têm poder de conceder vida; só a Palavra de Deus. As nossas palavras podem entreter e agradar corações satisfeitos com os seus pecados, mas, não podem transformar vidas.

Muitas vezes podemos ser levados a pensar que o incrédulo será levado a Cristo se falarmos de forma erudita ou, quem sabe, oferecendo-lhe algo semelhante ao que está acostumado no mundo; assim tentamos fazer da igreja um clube social, ou um programa de auditório, ou uma academia de intelectuais, nos esquecendo que a sabedoria do Evangelho atua em outro nível, e é operada pelo Espírito.

Aos judeus que queriam ver sinais (*shmei=on*) e aos gregos que queriam sabedoria,⁷² Paulo anunciava a Cristo crucificado (1Co 1.22-23). A mensagem da cruz

⁷² Os gregos desde o tempo dos sofistas foram acostumados com a retórica, valorizando excessivamente a beleza do discurso. A palavra "Retórica", é uma transliteração do grego *R(h)torikh/* (= "eloquência"). A palavra é proveniente de *R(h)twr* (= "orador público", "advogado", "homem de Estado"). Ocorre apenas em At 24.1, no NT. Estas palavras são derivadas de *R(h)ma* (= "palavra", "expressão verbal", "linguagem", "poema"). Em Aristóteles (384-322 a.C.), *R(h)ma* significa um verbo, contrastando com um *o/)* *noma*, substantivo. [Aristóteles, *Poética*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, IV), XX 1457a, 10-14, p. 461].

A retórica, portanto, mantém estreita relação com os sofistas. Górgias (c. 483-c.375 a.C.), o sofista, disse que o objetivo da retórica é "pela palavra, convencer os juizes no tribunal, os senadores no conselho, os eclesiastas na assembléia e em todo outro ajuntamento onde se congreguem cidadãos." (Platão, *Górgias*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A., 1989, 452e, p. 58-59). Desta forma, a capacidade do retórico era demonstrada na habilidade de "disputar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto" e isto se revelava na rapidez com que persuadia as multidões (Platão, *Górgias*, 457a, p. 67). A essência da retórica de Górgias era persuadir (Platão, *Górgias*, 453a, p. 59-60; 455a, p. 64); e nisto a retórica sofista foi muito bem sucedida (Ver: Armando Plebe, *Breve História da Retórica Antiga*, São Paulo: EPU/EDUSP.: 1978, p. 21ss.). Lembremo-nos que a Retórica Sofística, inventada por Górgias (c.483-c.375 a.C.), era famosa. Górgias dizia: "A palavra é uma grande dominadora que, com pequeníssimo e sumamente invisível corpo, realiza obras diviníssimas, pois pode fazer cessar o medo e tirar as dores, infundir a alegria e inspirar a piedade (...). O discurso, persuadindo a alma, obriga-a, convencida, a ter fé nas palavras e a consentir nos fatos (...). A persuasão, unida à palavra, impressiona a alma como quer (...). O poder do discurso com respeito à disposição da alma é idêntico ao dos remédios em relação à natureza do corpo. Com efeito, assim como os diferentes remédios expelem do corpo de cada um diferentes humores, e alguns fazem cessar o mal, outros a vida, assim também entre os discursos alguns afligem e outros deleitam, outros espantam, outros excitam até o ardor os seus ouvintes, outros envenenam e fascinam a alma com persuasões malvadas" (Górgias, *Elogio de Helena*, 8, 14).

"Quanto à sabedoria e ao sábio, eu dou o nome de sábio ao indivíduo capaz de mudar o aspecto das coisas, fazendo ser e parecer bom para esta ou aquela pessoa o que era ou lhe parecia mau" (Palavras de Protágoras, conforme, Platão, *Teeteto*, 166d: In: *Teeteto e Crátilo*, 2ª ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988, p. 36).

"Mas deixaremos de lado Tísias e Górgias? Esses descobriram que o provável deve ser mais respeitado que o verdadeiro; chegariam até a provar, pela força da palavra, que as cousas miúdas são grandes e que as grandes são pequenas, que o novo é antigo e que o velho é novo" (Platão, *Fedro*, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, (s.d.), 267, p. 251). A retórica era uma das marcas características da sofística. (Cf. W.K. C. Gutrie, *Os Sofistas*, São Paulo: Paulus, 1995, p. 167).

Sócrates (469-399 a.C.) e Platão (427-347 a.C.) manifestaram interesse pelas questões retóricas e seus problemas. Platão, por exemplo, opõe-se à retórica de Górgias, porque ele crê na existência

nunca sou como algo simpático aos ouvidos que já dispunham de seu filtro cultural e teológico. Para os judeus, soava como escândalo⁷³ e pedra de tropeço visto que

de critérios absolutos e universais, que possibilitem reconhecer o verdadeiro e o justo (Platão, *Górgias*, 455a, p. 64). É justamente isto que distingue a retórica de Górgias da retórica de Platão. Na perspectiva de Platão, a retórica deveria ser utilizada por pessoas interessadas na verdade. (Vejam-se: Platão, *Fedro*, 278, p. 266-267; Platão, *Fédon*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. III), 1972, 90bss. p. 102-103).

Aristóteles (384-322 a.C.) definiu “Retórica” como sendo “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão” [Aristóteles, *Arte Retórica*, Rio de Janeiro: Ediouro, (s.d), I.2.1. p. 33]. Segundo ele, a tarefa da retórica, “não consiste em persuadir, mas em discernir os meios de persuadir a propósito de cada questão, como sucede com todas as demais artes”. (Aristóteles, *Arte Retórica*, I.1.14. p. 31). Aristóteles, dentro de uma perspectiva ética, observa ainda, que a retórica não deveria ser usada para a persuasão do imoral (Aristóteles, *Arte Retórica*, I.1.12. p. 31); todavia, o mau uso da retórica não anulava o seu valor (Aristóteles, *Arte Retórica*, I.1.13. p. 31). A retórica deveria ser útil ao cidadão; esta é a sua função política; ou seja: social. (Ver: Retórica: J. Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia*, São Paulo: Edições Loyola, 2001, Vol. IV, p. 2524b). Agostinho (354-430) escreveria mais tarde: “É um fato, que pela arte da retórica é possível persuadir o que é verdadeiro como o que é falso.” (Agostinho, *A Doutrina Cristã*, São Paulo: Paulinas, 1991, IV.2.3. p. 214).

A Retórica é a arte de falar bem, visando a instrução e principalmente a persuasão. O fim da Retórica é convencer e, o instrumento de que dispõe é a palavra. Creio que Demócrito (c. 460- c.370 a.C.), estava certo ao afirmar que “para a persuasão a palavra freqüentemente é mais forte que o ouro” [Demócrito, Fragmento 51: In: Victor Civita, ed. *Os Pré-Socráticos*, São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, I), p. 330]. Demócrito estava muito atento à importância da persuasão; ele observou corretamente que aquele “que é conduzido ao dever pela persuasão, não é provável que, às ocultas ou às claras, cometa uma falta.” [Demócrito, Fragmento 181: In: Victor Civita, ed. *Os Pré-Socráticos*, p. 342]. Por isso, a arte da persuasão não acompanhada de um senso moral, torna-se extremamente perigosa, visto que podemos com a palavra, usando as técnicas da Retórica, tentar convencer que o branco é preto e vice versa, conforme o nosso interesse pessoal, agindo do mesmo modo que os sofistas na Antiguidade. A obra de Demóstenes (c. 460-c. 370 a.C.), *Oração à Coroa* e em Shakespeare (1564-1616), *Júlio César*, a oração de Marco Antônio diante do cadáver de César, se constituem em dois bons exemplos literários concernentes ao poder da retórica. A retórica cristã visa a levar o ouvinte a fazer a vontade de Deus.

Tucídides (c. 465-395 a.C.), observou em sua monumental obra, *História da Guerra do Peloponeso*, que: “A significação normal das palavras em relação aos atos muda segundo os caprichos dos homens. A audácia irracional passa a ser considerada lealdade corajosa em relação ao partido; a hesitação prudente se torna covardia dissimulada; a moderação passa a ser uma máscara para a fraqueza covarde, e agir inteligentemente equivale à inércia total. Os impulsos precipitados são vistos como uma virtude viril, mas a prudência no deliberar é um pretexto para a omissão....”. (Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, II.82. p. 167).

Sócrates (469-399 a.C.) entendia que o mérito do orador residia em dizer a verdade [Platão, *Apologia de Sócrates*, São Paulo: Abril Cultural, 1972, (Os Pensadores, II), I.18a, p. 11]. Somente nestes termos ele aceitaria ser chamado de orador (Platão, *Apologia de Sócrates*, I. 17b, p. 11).

Uma característica distintiva do homem é a capacidade de julgar, discernindo o bem do mal (Aristóteles, *A Política*, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, (s.d), I.1.10, p. 14). Esta capacidade deve ser exercitada por nós no emprego dos recursos que Deus nos tem fornecido. Dentro da nossa linha de estudo, devemos estar atentos ao uso que fazemos da palavra como instrumento de persuasão; como ouvintes, devemos também permanecer alerta para que não sejamos persuadidos pela beleza do discurso, sem verificar a sua validade. Resumindo: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Cl 2.8).

⁷³ O substantivo “escândalo”, no grego: *skandalon* tem o sentido de “pedra de tropeço” (Mt 16.23), “tropeço” (Rm 11.9; 1Jo 2.10); “ofensa” (1Pe 2.8). “cilada” (Ap 2.14). Do mesmo modo, o verbo *skandalizo* é utilizado com o sentido de: fazer tropeçar (Mt 5.29,30; 18.6,8,9; Mc 9.42,43,45,47; Lc

esta realidade não era compatível com as suas crenças; para os gregos, era loucura.⁷⁴ No entanto, esta era a mensagem de Paulo (1Co 1.22-23). “A base da ofensa causada por Jesus é a cruz (1Co 1.23), que anula toda a sabedoria humana, e exclui toda a cooperação humana para a salvação”.⁷⁵ O que soava como loucura e escândalo revelava da glória de Cristo: Na cruz a glória do Filho é manifestada: “Jesus é glorificado quando o resplendor de seus atributos é demonstrado. Certamente que na cruz de Cristo e também na coroa divisamos essa glória. Na cruz, vista como sendo a culminação e o clímax de toda a obra da redenção, pela qual Ele salva Seu povo, o Filho manifesta Sua perfeita obediência, Seu infinito amor pelos pecadores e Seu poder sobre o príncipe deste mundo. Essa obediência, esse amor e esse poder redundam em glória para si mesmo. E também o faz a gratidão da multidão salva pela dádiva da salvação eterna”.⁷⁶

Paulo mostra que a pregação da Palavra foi o método prazerosamente estabelecido por Deus para alcançar os Seus: “... aprouve (eu) doke/w)⁷⁷ a Deus salvar aos

17.2) ou causa de tropeço (Mt 26.33); gerar maliciosamente escândalos (Rm 16.17; Ap 2.14). No grego secular, a idéia da palavra no sentido literal é a de uma isca para atrair alguém para uma armadilha. Figuradamente refere-se às “armadilhas verbais” elaboradas para derrotar o oponente através de um argumento. Na LXX, o sentido básico é de “tropeço” (SI 119.165) e também de “armadilha” (Js 23.13; Jz 2.3; 8.27; 1Sm 18.21; SI 69.22; 106.36; 140.5; 141.9). (Ver: William Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1988 (reimpressão), p. 182-184; J. Guhrt, *Ofensa*: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. II-I, p. 311-314)

⁷⁴ Barclay escreve: “para a mentalidade grega a primeira característica de Deus era a *apathia*. Esta palavra significa mais que *apatia*: significa *incapacidade total de sentir*. Os gregos sustentavam que Deus não poderia sentir. Se pudesse sentir alegria ou tristeza, aborrecer-se ou apiedar-se, significava que nesse momento alguém o havia afetado. Se isto era assim, significava que o homem havia influído em Deus; portanto, era mais poderoso que ele. Deste modo, pois, sustentavam que Deus deve ser incapaz de todo sentimento e que nada pode afetá-lo jamais. Um Deus que sofria era para os gregos uma contradição” (William Barclay, *1 y 2 Coríntios*, Buenos Aires: La Aurora, 1973, p. 30-31).

⁷⁵ J. Guhrt, *Ofensa*: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. III, p. 312.

⁷⁶ William Hendriksen, *O Evangelho de João*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004 (Jo 17.1), p. 753.

⁷⁷ Tanto o verbo (eu) doke/w) quanto o substantivo (eu) doki/a) enfatizam aquilo ou aquele que é prazeroso, considerando a essência da coisa ou o que se tem em vista. Assim, vemos que Deus Se compraz em Jesus Cristo, o Filho amado (Mt 3.17; 12.18; 17.5; 2Pe 1.17), em quem reside, conforme a vontade de Deus, toda a plenitude da divindade (Cl 1.19/2.9). Deus tem prazer em revelar a Sua vontade aos “pequenos” (Mt 11.25-26; Lc 10.21), concedendo o Seu Reino (Lc 12.32). Ele nos destinou para adoção conforme o seu “beneplácito” (eu) doki/a)(Ef 1.5,9), assim como vocaciona os Seus servos conforme Sua vontade (Gl 1.15-16). Deus tem prazer em salvar o Seu povo através da pregação da Palavra (1Co 1.21). Deus opera em nós conforme a Sua liberdade soberana e prazerosa (Fp 2.13). No entanto, estas palavras não são utilizadas somente para Deus, elas também descrevem atitudes e aspirações humanas, como o desejo de Paulo pela salvação dos judeus (Rm 10.1); a sua oração em favor dos tessalonicenses (2Ts 1.11); a voluntariedade prazerosa da Igreja em socorrer os irmãos necessitados (Rm 15.26-27); o desejo de deixar o corpo para estar com Cristo (2Co 5.8); a abnegação de Paulo em prol dos tessalonicenses, compartilhando a sua própria vida (1Ts 2.8 “estávamos prontos” (eu) doke/w)/1Ts 3.1-5: Verso 1: “pareceu-nos bem (eu) doke/w) ficar sozinhos em Atenas”); sofrer pelo testemunho de Cristo, a quem amava (2Co 12.10). O Evangelho deve ser pre-

que crêem, pela loucura (mwri/a)⁷⁸ da pregação” (1Co 1.22). Pelo fato dos homens não conseguirem entender salvadoramente a mensagem do Evangelho dentro do seu quadro de referência naturalista ou simplesmente deísta, consideram-na loucura: Tudo que não se adequa ao seu padrão de pensamento é escândalo (pedra de tropeço) ou loucura. Isto não significa que o homem natural, não regenerado, não possa entender a mensagem do Evangelho e até mesmo explicá-la a outros; o problema é que esta mensagem não faz sentido espiritual para ele. Ou seja: eu consigo entender o que você quer dizer só que não creio no que você diz.⁷⁹ A mensagem da cruz é considerada loucura pelos que estão a perecer, justamente porque ela não possui qualquer atrativo de sabedoria humana que a recomende às suas mentes.⁸⁰ “Os gregos estavam intoxicados com palavras bonitas; e o pregador cristão com sua tosca mensagem lhe parecia um personagem cru e inculto, do qual podiam mofar-se e ridicularizar em lugar de escutá-lo e respeitá-lo”.⁸¹

O desafio de Deus para nós não é para nos tornarmos irracionais ou ignorantes, antes é para que submetamos a nossa inteligência à Palavra. Aqui não se pede nenhum sacrifício lógico-racional, antes o que se requer, é a humildade para reconhecer a nossa limitação diante da majestosa sabedoria de Deus (Rm 11.33-36), exercitando deste modo, por graça, a humanamente louca sabedoria de Deus em nossa vida, reconhecendo a nossa suficiência não em nossa inteligência ou valores, mas em Deus. Calvino (1509-1564) comenta que “O fato de que o Evangelho é aroma de morte para os ímpios não vem tanto de sua própria natureza, mas da

gado: “de boa vontade” (eu) doki/a) (Fp 1.15).

⁷⁸ A idéia da palavra é de algo “imbecil”, “tolo”, “insensato”. Na literatura clássica está relacionada à falta de conhecimento e discernimento. Dentro do aspecto da insensatez, esta figura é aplicada ao sal que, se se tornar “insípido” (mwrai/nw) (Mt 5.13; Lc 14.34-35) para nada mais serve. No emprego feito por Paulo: a loucura da mensagem da cruz de Cristo está justamente pela sua falta de sentido intelectual para aqueles que querem avaliar o seu conteúdo dentro de seus pressupostos viciados. Em síntese, o Evangelho soa como algo “simplório”. Paulo diz que Deus tornou “louca” (mwrai/nw) a sabedoria deste mundo (1Co 1.20). Por sua vez, os ímpios se considerando sábios, “tornaram-se loucos” (mwrai/nw) [Rm 1.22/Jr 10.14 [“estúpido” (mwrai/nw)], em sua idolatria, recebendo o justo castigo de Deus (Rm 1.23-27)]. Deste modo, a sabedoria de Deus será sempre loucura (mwri/a) para os sábios deste mundo que querem simplesmente adequar o Evangelho aos seus pressupostos (1Co 1.18,23; 2.14). Dentro desta perspectiva, Deus escolheu então as “cousas loucas” (mwro/j) do mundo” (1Co 1.27). Por outro lado, os que crêem na loucura (mwri/a) da pregação serão salvos (1Co 1.21). A loucura (mwro/j) de Deus é mais sábia do que a sabedoria deste mundo (1Co 1.25). A sabedoria deste mundo é loucura (mwri/a) diante de Deus (1Co 3.19). Deus sabe que os pensamentos destes “sábios” são “vãos” [= “nulos”, “fúteis” (ma/taioj) *At 14.15; 1Co 3.20; 15.17; Tt 3.9; Tg 1.26; 1Pe 1.18](1Co 3.20) Portanto, se quisermos nos tornar sábios para Deus, tornemo-nos loucos (mwro/j) para as cousas deste mundo (1Co 3.18). De certa forma, somos os loucos de Cristo (1Co 4.10). Por sua vez, ilustrando que a “loucura” ou “insensatez” não são boas em si mesmas, Paulo faz recomendações práticas para que rejeitemos as questões “sábias” deste mundo que consistem em discussões e questões “insensatas” que produzem contendas, não tendo utilidade [2Tm 2.23; Tt 3.9 (“fúteis” (ma/taioj)]. Portanto, o Evangelho não tem a “loucura” e “insensatez” como virtudes (Mt 23.16-17; 25.1-13). A verdadeira sabedoria consiste em ouvir a Palavra de Deus e praticá-la. Loucura é desprezá-la (Mt 7.24-27).

⁷⁹ Ver: James M. Boice, *O Evangelho da Graça*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 108-109.

⁸⁰ Cf. João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 1.18), p. 56.

⁸¹ William Barclay, *1 y 2 Coríntios*, 1973, p. 32.

própria perversidade humana. Ao determinar um *caminho* de salvação, ele elimina a confiança em quaisquer outros caminhos”.⁸² À frente: “Toda verdade proclamada referente a Cristo é completamente paradoxal pelo prisma do juízo humano. Entretanto, o nosso dever é prosseguir em nossa rota. Cristo não deve ser suprimido só porque para muitos ele não passa de pedra de ofensa e rocha de escândalo. Ao mesmo tempo que ele prova ser destruição para os ímpios, em contrapartida ele será sempre ressurreição para os fiéis”.⁸³

A mente cativa a Cristo é aquela que na proclamação traz pura e simplesmente o Evangelho de Cristo: “*Porque não ultrapassamos os nossos limites como se não devêssemos chegar até vós, posto que já chegamos até vós com o evangelho de Cristo*” (2Co 10.14). Deus opera poderosamente através da Sua Palavra, não de nossos argumentos, por melhores que sejam; por isso o nosso testemunho deve ser avaliado à luz da Palavra, em submissão ao Espírito. A nossa compreensão e aceitação da mensagem do Evangelho não indica a nossa superioridade ou inteligência, antes manifesta a soberana graça de Deus em salvar aqueles que são considerados irrelevantes diante do mundo e, que, como todos os demais, por si só jamais creriam. Portanto, não há lugar para vanglória, mas sim, gratidão a Deus (1Co 1.29).

Paulo faz um contraste entre a sua aparente fraqueza, conforme seus inimigos diziam (2Co 10.10),⁸⁴ com a força de suas armas, que eram poderosas não por si mesmas, mas “*poderosas em Deus*” (2Co 10.4); portanto, “o poder de suas armas depende de Deus e não do mundo”.⁸⁵

C) NOSSA RESPONSABILIDADE:

Lembre-mos de que o pregador não “compartilha” opiniões nem dá suas “opinões” sobre o texto bíblico, nem faz uma paráfrase irreverente do texto, antes, ele prega a Palavra. O seu objetivo é expressar o que Deus disse através de Seus servos. Pregar é explicar e aplicar a Palavra aos nossos ouvintes. O aval de Deus não é sobre nossas teorias e escolhas, muito menos sobre a “graça” de nossas piadas, mas sobre a Sua Palavra. Portanto, o pregador prega o texto, de onde provém a verdade de Deus para o Seu povo. “Quando nos propomos a expor um texto, precisamos declarar exatamente o que o texto afirma”.⁸⁶

Deste modo, aquele que prega deve ter consciência de que o púlpito não é o lu-

⁸² João Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 1.16), p. 58.

⁸³ João Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 6.1), p. 201-202.

⁸⁴ “*As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível*” (2Co 10.10).

⁸⁵ João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, (2Co 10.4), p. 202.

⁸⁶ Kenneth A. Macrae, *A Pregação e o Perigo do Comprometimento*: In: *Fé para Hoje*, São José dos Campos, SP.: Fiel, nº 7, 2000, p. 4.

gar para se exercitar as opiniões pessoais e subjetivas, mas sim, para pregar a Palavra,⁸⁷ anunciando todo o desígnio de Deus, sob a iluminação do Espírito. Lloyd-Jones, numa série de sermões pregados (1963) sobre Isaías 1.1-18, declarou corretamente: “Não estou aqui para ventilar minhas próprias idéias e teorias, porém para expor a Palavra de Deus”.⁸⁸ Por sua vez, Alexander R. Vinet (1797-1847) definiu bem a pregação, ao dizer ser ela “a explicação da Palavra de Deus, a exposição das verdades cristãs, e a aplicação dessas verdades ao nosso rebanho”.⁸⁹ Na mesma linha Calvino escrevera: “A Escritura é a fonte de toda a sabedoria, e os pastores terão de extrair dela tudo o que eles expõem diante do seu rebanho”.⁹⁰ Sem a Palavra, o púlpito torna-se um lugar que no máximo serve como terapia para aliviar as tensões de um auditório cansado e ansioso em busca de refrigério para as suas necessidades mais imediatamente percebidas. Ele pode conseguir o alívio do sintoma, mas não a cura para as suas reais necessidades. Lloyd-Jones é enfático: “Se a mensagem da Bíblia nunca lhe deixou desconfortável, então você nunca a ouviu de verdade. Muitos pensam que o cristianismo é meramente algo que nos dá um tapinha nas costas dizendo: ‘Não se preocupe nem se angustie, já já tudo irá dar certo’. Contudo isso não é cristianismo: isso é das seitas, isso é psicologia”.⁹¹

Pedro indicando o poder e a perenidade da Palavra, diz: “... *fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus (lo,gou zw/ntoj qeou/),⁹² a qual vive e é permanente. Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; palavra do Senhor (r`h/ma kuri, ou),⁹³ porém, permanece eternamente. Ora, esta é a*

⁸⁷ Agostinho (354-430), o grande bispo de Hipona, em sua obra *De Doctrina Christiana* (397-427), tomando Paulo como “modelo de eloquência” (Agostinho, *A Doutrina Cristã*, IV.7.15), seguiu de perto a Aristóteles e Cícero. Ele estabeleceu uma relação entre os princípios da teoria retórica com a tarefa da pregação, fazendo as adaptações necessárias (Vd. Por exemplo, Agostinho, *A Doutrina Cristã*, IV.19.35 e 37). Insistiu, também, – seguindo a Cícero –, que a pregação tem três propósitos: **Instruir** (docere); **Agradar** (delectare) e **Persuadir** (flectere), enfatizando este último. (Agostinho, *A Doutrina Cristã*, IV.12.27ss.). Agostinho, afirmou – e é este ponto que queremos destacar –, que “O pregador é o que interpreta e ensina as verdades divinas” (Agostinho, *A Doutrina Cristã*, São Paulo: Paulinas, 1991, IV.4.6. p. 217).

⁸⁸ D.M. Lloyd-Jones, *O Caminho de Deus não o nosso*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003, p. 67.

⁸⁹ A.R. Vinet, *Pastoral Theology: or, The Theory of the Evangelical Ministry*, 2ª ed. New York: Ivison, Blakeman, Taylor & Co. 1874, p. 189.

⁹⁰ João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, (1Tm 4.13), p. 123.

⁹¹ D.M. Lloyd-Jones, *O Caminho de Deus não o nosso*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003, p. 84.

⁹² Na realidade a tradução seria a “Palavra viva de Deus”

⁹³ Contrastando o uso de r(h=ma e lo/goj, Betz diz que “Ao passo que logos muitas vezes pode designar a proclamação cristã como um todo no NT, rhêma usualmente diz respeito a palavras e expressões vocais individuais: o homem terá que prestar contas por toda palavra injusta (Mt 12.36); Jesus não respondeu palavra alguma a Pilatos (Mt 27.14); os seres celestiais falam palavras inefáveis (2Co 12.4)” (O. Betz, et. al. Palavra: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. III, p. 419). Ilustrando esta tese, pode-

palavra que vos foi evangelizada” (1Pe 1.23-25). Relembra também que a sua mensagem foi justamente esta: “*Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada* (r`h/mato. euvaggelisqe.n)” (1Pe 1.25).

Evangelizar significa pregar a Palavra de Deus, não as nossas opiniões, as nossas preferências; não podemos adulterar a Palavra de Deus (2Co 4.2). A evangelização consiste na exposição da Palavra de Deus e na Sua aplicação às necessidades contemporâneas de nossos ouvintes.⁹⁴

Somente pela Palavra de Deus, que permanece em nós, poderemos vencer o maligno: “*Filhos, eu vos escrevi, porque conheceis o Pai. Pais, eu vos escrevi, porque conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevi, porque sois fortes, e a palavra de Deus (lo,goj tou/ qeou/) permanece em vós, e tendes vencido o Maligno*” (1Jo 2.14). Sem a Palavra a nossa luta seria apenas uma rendição incondicional. Neste confronto, sem a Palavra, estaremos sempre totalmente despreparados.

Paulo no final da segunda carta aos tessalonicenses, roga àqueles irmãos que conheciam o poder e glória do Evangelho: “*Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada* (doça/zw), *como também está acontecendo entre vós*” (2Ts 3.1). A Igreja prega o Evangelho e ora para que a Palavra de Deus se propague e assim, Deus seja glorificado.

4. Os Proclamadores: Uma Palavra Final:

Temos ao longo deste estudo falado sobre o significado do Evangelho, o seu conteúdo, as suas reivindicações e fruto. Para concluir a nossa exposição, queremos deixar alguns lembretes aos “Evangelistas”; ou seja: a todos os cristãos; já que todos somos necessária e essencialmente missionários. O Cristianismo é essencialmente um caminho de vida (At 9.1-2; 22.4), fundamentado na prática do Evangelho, conforme ensinado por Jesus Cristo através da Sua Palavra. Portanto, lembremo-nos de que:

A) A PREGAÇÃO É RESPONSABILIDADE E PRIVILÉGIO DE TODO O CRISTÃO:

A pregação é uma responsabilidade inalienável e essencial de toda a Igreja.⁹⁵
 “Estamos salvos, não somente para que estejamos a salvo, mas também pa-

mos perceber que na passagem que estamos analisando, Pedro está citando o texto de Isaías 40.6-9.

⁹⁴Vejam-se: A.R. Vinet, *Pastoral Theology; or, The Theory of the Evangelical Ministry*, 2ª ed. New York, Ivson, Blakeman, Taylor & Co., 1874, p. 189; D.M. Lloyd Jones, *O Combate Cristão*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991, p. 98.

⁹⁵“A evangelização é a inalienável responsabilidade de toda comunidade cristã, bem como de todo indivíduo crente” (J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 21).

ra que Deus nos use na salvação de outros”.⁹⁶

“16 Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!

17 Se o faço de livre vontade, tenho galardão; mas, se constrangido, é, então, a responsabilidade de despenseiro que me está confiada.

18 Nesse caso, qual é o meu galardão? É que, evangelizando, proponha, de graça, o evangelho, para não me valer do direito que ele me dá” (1Co 9.16-18).

“14 E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros.

15 Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isto de novo à memória, por causa da graça que me foi outorgada por Deus,

16 para que eu seja ministro de Cristo Jesus entre os gentios, no sagrado encargo de anunciar o evangelho de Deus, de modo que a oferta deles seja aceitável, uma vez santificada pelo Espírito Santo” (Rm 15.14-16).

“A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3.8).

Portanto Devemos:

a) Não nos envergonhar do Evangelho: Paulo declara com veemência em forma positiva a sua confissão: “Pois não me envergonho (e)paisxu/nomai) do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê....” (Rm 1.16). No final de seu ministério exorta a Timóteo: “Não te envergonhes (e)paisxu/nomai), portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado,⁹⁷ que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus” (2Tm 1.8).⁹⁸ O Senhor passou pela humilha-

⁹⁶ D.M. Lloyd-Jones, *Santificados Mediante a Verdade*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas (Certeza Espiritual, Vol. 3), 2006, p. 23-24.

⁹⁷ A humilhante prisão de Paulo não era motivo de vergonha para ele. Paulo sabia a quem estava servindo: o Senhor que por graça o escolhera na eternidade e o designara pregador deste Evangelho da graça: “⁸ Não te envergonhes (e)paisxu/nomai), portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus,⁹ que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos,¹⁰ e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho,¹¹ para o qual eu fui designado pregador, apóstolo e mestre¹² e, por isso, estou sofrendo estas coisas; todavia, não me envergonho (e)paisxu/nomai), porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2Tm 1.8-12). Onésiforo, seu amigo leal, também nunca o abandonou: “Conceda o Senhor misericórdia à casa de Onésiforo, porque, muitas vezes, me deu ânimo e nunca se envergonhou (e)paisxu/nomai) das minhas algemas” (2Tm 1.16). O princípio é instruído por Pedro: “¹⁴ Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus.¹⁵ Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem;¹⁶ mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe (ai) sxu/nomai) disso; antes, glorifique a Deus com esse nome” (1Pe 4.14-16).

⁹⁸ Veja-se Marcus L. Loane, *A Mensagem do Evangelista*: In: J.D. Douglas, ed., *O Evangelista e o Mundo Atual*, São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 48-50.

ção da morte na cruz para nos salvar. Para ele devemos olhar com fé perseverante: *“olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia (ai) sxu/nh), e está assentado à destra do trono de Deus”* (Hb 12.2).

Sentir vergonha do Evangelho, de sua confissão, significa nos envergonhar de Jesus Cristo, Aquele que é o próprio Evangelho. Curiosamente, o Senhor não se envergonha de nós, de nos considerar seus irmãos: *“Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha (e) paisxu/nomai) de lhes chamar irmãos”* (Hb 2.11). Para estes, o Senhor Jesus preparou lugar no céu (Jo 14.2), a nossa pátria (Fp 3.20-21). A Trindade bendita que nos receberá, não se envergonha de ser o Deus dos crentes: *“...Por isso, Deus não se envergonha (e) paisxu/nomai) deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade”* (Hb 11.16).

Contudo, o próprio Senhor advertira aos judeus em seu orgulho autônomo: *“Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar (e) paisxu/nomai) de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará (e) paisxu/nomai) dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos”* (Mc 8.38).⁹⁹ Devemos, portanto, permanecer firmados, unidos a Cristo até o fim. No final do primeiro século da Era cristã, sendo a igreja assolada por várias heresias, o apóstolo João exorta os crentes: *“Filhinhos, agora, pois, permaneço nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados (ai) sxu/nomai) na sua vinda”* (1Jo 2.28).

b) Estar sempre Prontos: Devemos estar predispostos a atender ao chamado de Deus. Paulo se declara sucessivamente pronto a levar o Evangelho aonde Deus o mandasse: *“À noite, sobreveio a Paulo uma visão na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos. Assim que teve a visão, imediatamente, procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho”* (At 16.9-10). *“...quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma”* (Rm 1.15). *“Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprovou revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consulte carne e sangue”* (Gl 1.15-16). (Ver: At 13.1-3). Precisamos ser sensíveis à missão confiada por Deus. Esta missão começa com aqueles que estão próximos de nós.

c) Ter o senso de urgência:¹⁰⁰ *“Prega a palavra (...) Pois haverá tempo (kairo/j)¹⁰¹ em que não suportarão a sã doutrina”* (2Tm 4.2,3). Hoje ainda temos

⁹⁹ Os nossos pecados sim, estes devem ser motivo de vergonha (Rm 6.20-21).

¹⁰⁰ Vejam-se: J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 67-68; R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, p. 67-74; A. N. Martin, *O Que há de Errado com a Pregação de Hoje?*, p. 40-42.

¹⁰¹ A idéia da palavra é de “oportunidade”, “tempo certo”, “tempo favorável”, etc. (Vd. Mt 24.45; Mc 12.2; Lc 20.10; Jo 7.6,8; At 24.25; Gl 6.10; Cl 4.5; Hb 11.15). Ela enfatiza mais o conteúdo do tempo. Este termo que ocorre 85 vezes no NT é mais comumente traduzido por “tempo”, surgindo, então, al-

ouvintes; mas, até quando? Hoje temos aqueles ouvintes; mas por quanto tempo? *“Pois haverá tempo (kairo/j) em que não suportarão a sã doutrina”*. Aquelas pessoas que hoje ouvem a Palavra com interesse e avidez poderão não ouvir em outras épocas ou circunstâncias, daí a nossa responsabilidade de anunciar hoje a Palavra de Deus. O senso de urgência deve nos levar a falar como se aquela fosse a última vez; a mensagem cristã deve ter sempre uma conotação de apelo ao homem para que assuma, pela graça de Deus, uma posição favorável e submissa à Sua Palavra. Contudo, devemos nos lembrar de que “o motivo da urgência da evangelização jaz em Deus. Porque Ele é quem é, insiste urgentemente com os pecadores para que se convertam a Ele”.¹⁰²

d) Ensinar com simplicidade:¹⁰³ O homem é convertido não pela força de nossos argumentos, mas pelo Espírito de Deus. Devemos nos esforçar por apresentar uma mensagem persuasiva, todavia, que seja simples, a fim de que a fé de nossos ouvintes não seja estimulada a se amparar em nossa suposta sabedoria, que, aliás, não salva ninguém nem a nós mesmos. Não pretendamos substituir o poder de Deus por nossas técnicas supostamente persuasivas. O poder de Deus se manifesta no Evangelho puro e simples. Paulo relembra aos coríntios:

“1 Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria.

2 Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado.

3 E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós.

4 A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder,

5 para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (1Co 2.1-5).

f) Estar comprometidos com Deus: O nosso compromisso é com Deus; portanto a nossa mensagem não visa agradar a homens, mas sim a Deus, que conhece os nossos corações. *“Pois a nossa exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo; pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens, e sim a Deus, que prova o nosso coração” (1Ts 2.3-4).*

g) Pregador de Boa vontade: A nossa pregação é motivada pelo desejo de glorificar a Deus através da conversão do Seu povo. Qualquer outro motivo que assumamos a preponderância em nossa tarefa desvia o sentido da evangelização. Paulo, preso,

gumas variantes, indicando a idéia de oportunidade. Assim temos (Almeida Revista e Atualizada): *Tempo e tempos*: Mt 8.29; 11.25; 12.1; 13.30; 14.1; Lc 21.24; At 3.20; 17.26; *“Devidos tempos”*: Mt 21.41; *“Tempo determinado”*: Ap 11.18; *“Momento oportuno”*: Lc 4.13; *“Tempo oportuno”*: Hb 9.10; 1Pe 5.6; *Oportunidade*: Lc 19.44; Gl 6.10; Cl 4.5; Hb 11.15; *Devido tempo*: Lc 20.10; *Presente*: Mc 10.30; Lc 18.30; *“Circunstâncias oportunas”*: 1Pe 1.11; *Algum tempo*: Lc 8.13; *Hora*: Lc 8.13; 21.8; *Época*: Lc 12.56; At 1.7; 1Ts 5.1 (Xpo/nwn kai\ tw=n kairw=n); 1Tm 6.15; Hb 9.9; *Ocasão*: Lc 13.1; 2Ts 2.6; 1Pe 4.17; *Estações*: At 14.17; *Vagar*: At 24.25; *Avançado*: Hb 11.11.

¹⁰²R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, p. 71.

¹⁰³Vd. John R.W. Stott, *O Perfil do Pregador*, p. 120-125; Billy Graham, *O Evangelista e Sua Pregação*: In: J.D. Douglas, ed., *O Evangelista e o Mundo Atual*, São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 62-63.

reconhecendo o senhorio de Deus sobre todas as coisas, admite a existência de dois tipos de pregadores: “*Alguns, efetivamente, proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade* (eu) doki/a);¹⁰⁴ *estes, por amor, sabendo que estou incumbido da defesa do evangelho*” (Fp 1.15-16). O nosso amor a Deus se manifesta na proclamação sincera e prazerosa de Cristo.

h) Servir ao Evangelho: Nós somos comissionados a usar os nossos talentos a serviço do Evangelho. Não podemos tornar o Evangelho um meio para os nossos interesses egoístas. O Evangelho é o meio para a glorificação de Deus: “*Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador* (sugkoinwno/j) *com ele*” (1Co 9.23). Paulo referindo-se a Timóteo, diz: “*E conheceis o seu caráter provado, pois serviu ao evangelho, junto comigo, como filho ao pai*” (Fp 2.22). Paulo faz menção de outros irmãos que também serviram ao Evangelho: “*Rogo a Evódia e rogo a Síntique pensem concordemente, no Senhor. A ti, fiel companheiro de jugo, também peço que as auxilies, pois juntas se esforçaram comigo no evangelho, também com Clemente e com os demais cooperadores meus, cujos nomes se encontram no Livro da Vida*” (Fp 4.2-3). (Ver: 2Co 4.5; 1Ts 3.2).

i) Abnegação e Perseverança: O servir ao Evangelho exige uma boa dose de renúncia de nossos interesses pessoais, bem como o firme propósito de realizar o serviço que Deus nos confiou. Paulo despedindo-se dos presbíteros de Éfeso fala de sua prioridade: “*...em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus*” (At 20.24).

Recordando aos tessalonicenses como foi a sua chegada em Tessalônica, escreve: “*Porque vós, irmãos, sabeis, pessoalmente, que a nossa estada entre vós não se tornou infrutífera; mas, apesar de maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento, tivemos ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus, em meio a muita luta. (...) Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor e fadiga; e de como, noite e dia labutando para não vivermos à custa de nenhum de vós, vos proclamamos o evangelho de Deus. Vós e Deus sois testemunhas do modo por que piedosa, justa e irrepreensivelmente procedemos em relação a vós outros, que credes. E sabeis, ainda, de que maneira, como pai a seus filhos, a cada um de vós, exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória*” (1Ts 2.1,2,9-12) (Ver: 2Tm 1.8; 4.2-5; Fm 13).¹⁰⁵

j) Humildade: Paulo quando pregava em Atenas e contendia com os filósofos epicureus e estóicos, foi agredido verbalmente. Lucas registra que houve quem perguntasse: “*Que quer dizer esse tagarela* (spermolo/goj)?” (At 17.18). Acredito que Paulo teve ciência deste comentário. “Spermolo/goj”, ao que parece, era uma gíria ateniense, que significava literalmente, um “catador de sementes”, sendo o termo aplicado aos pássaros comedores de semente. A palavra passou a ser aplicada aos

¹⁰⁴ Este substantivo (eu) doki/a indica aquilo ou aquele que é prazeroso, considerando a essência da coisa ou o que se tem em vista.

¹⁰⁵ Vd. J.R.W. Stott, *O Perfil do Pregador*, p. 27ss.

homens que procuravam encrenchas, depois, a homens que buscavam produtos de segunda mão no mercado, por preços baixos; pedinte. Daí, metaforicamente, foi utilizada para se referir àquelas pessoas que reúnem retalhos de informação para tagarelar sobre eles, em outras palavras; “fofoqueiro”, “caçador de verbetes”, “plagiador”, “charlatão”¹⁰⁶

O que nos chama a atenção neste particular é o fato de Paulo não discutir sobre esta maldosa e caluniosa insinuação. Ele procedeu polidamente (At 17.22-23) pregando o Evangelho. Ele tinha algo mais importante a fazer naquela cidade do que ficar se defendendo de acusações ou de brincadeiras de mau gosto. Paulo era um intelectual, mas, quando agredido intelectual e moralmente, nem por isso deixou-se ofender tão facilmente. Ele não se desviou da sua rota: a pregação do Evangelho de Cristo. O que de fato lhe revoltava, era a ignorância espiritual do povo (At 17.16).

Posteriormente, em Mileto, falando aos Presbíteros, Paulo relembra diante daqueles que foram testemunhas do seu serviço durante os três anos em que passou em Éfeso: “...Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo ao Senhor com toda a humildade (tapeinofrosu/nh), lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram” (At 20.18-19).

Aliás, este foi o procedimento comum de Paulo por onde passava. Aos coríntios, faz uma pergunta embaraçante: “Cometi eu, porventura, algum pecado pelo fato de viver humildemente (tapeino/w), para que fôsseis vós exaltados, visto que gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus?” (2Co 11.7).

A nossa mensagem é Jesus Cristo conforme é-nos ensinada no Evangelho, não as nossas experiências, teorias ou opiniões.

k) Integridade e Dignidade: O Evangelho exige um compromisso ético com a nossa mensagem. A grandeza transformadora e radiante do Evangelho deve ser visível em nosso comportamento. O Evangelho é o poder de Deus que transforma o homem todo, bem como todas as suas relações. Daí a exortação paulina: “Vivei, acima de tudo, por modo digno (a)ci/wj) do evangelho de Cristo...” (Fp 1.27). (Ver: 1Ts 2.8-10/1Co 9.27).

l) Trabalho árduo e desinteresse Financeiro: Paulo pergunta aos coríntios: “Cometi eu, porventura, algum pecado pelo fato de viver humildemente, para que fôsseis vós exaltados, visto que gratuitamente (dwrea//n)¹⁰⁷ vos anunciei o evangelho de Deus?” (2Co 11.7). Anteriormente ele trouxera à memória dos tessaloni-

¹⁰⁶Vejam-se: *The Analytical Greek Lexicon*, 12ª ed. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1975; F.W. Gingrich & F.W. Danker, *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*, São Paulo: 1986 (reimpressão); Liddell and Scott, *Greek-English Lexicon*, Oxford: Clarendon Press, 1935; I-sidro Pereira, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, 7ª ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990; William C. Taylor, *Dicionário do Novo Testamento Grego*, 5ª ed. Rio de Janeiro: JU-ERP. 1978; *A Greek-English Lexicon to the New Testament*, 9ª ed. (Edição revisada pelo Rev. Thomas S. Green), London: Samuel Bagster and Sons Limited, (s.d.).

¹⁰⁷ Tem também o sentido de “graciosamente”, “livremente”, “de graça”.

censes a lembrança do seu labor, de como se esforçara por pregar o Evangelho sem depender financeiramente daqueles irmãos: *“Embora pudéssemos, como enviados de Cristo, exigir de vós a nossa manutenção, todavia, nos tornamos carinhosos entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos; assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós. Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor (ko/poj)¹⁰⁸ e fadiga (mo/xqoj);¹⁰⁹ e de como, noite e dia labutando para não vivermos à custa de nenhum de vós, vos proclamamos o evangelho de Deus”* (1Ts 2.7-9).¹¹⁰ No entanto, Paulo não se esquecera das palavras de Jesus Cristo aos seus discípulos – *“Não vos proveis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento”* (Mt 10.9-10) –, por isso escreve: *“Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho”* (1Co 9.14).

m) Firmeza Doutrinária: Não podemos “adaptar” a verdade de Deus aos interesses de nossos ouvintes, ao gosto moderno. A mensagem não é nossa, por isso, não podemos simplesmente alterá-la a nosso bel-prazer (2Co 4.2). O que se exige de nós como despenseiros, é que sejamos fiéis (1Co 4.1-2). A palavra usada por Paulo (oi)kono/moj) fora utilizada por Cristo para se referir ao “mordomo fiel” (pisto\j oi)kono/moj) (Lc 12.42). Em outra parábola, o contraste é estabelecido por meio da referência que Cristo fez ao “administrador infiel” (oi)kono/month=a)diki/aj) (Lc 16.8), que tem o sentido de “injusto”, “iníquo”, “perverso”.¹¹¹

A palavra traduzida por “despenseiro”, tinha o sentido de “mordomo” (Lc 12.42); “administrador” (Lc 16.1); “tesoureiro” (Rm 16.23) e “curador” (Gl 4.2). O “despenseiro” era em geral um escravo colocado à frente dos negócios do seu senhor (mordomo, gerente das terras, cozinheiros chefe, contador, etc). Deste modo, o senhor fica-

¹⁰⁸ Kopo/j tem o sentido de “aflição”, “dificuldade”, “trabalho”, “labuta”. Paulo é quem mais utiliza esta palavra para se referir ao seu ministério (2Co 6.4-5; 11.23,27). Paulo também relembra aos irmãos que quando teve de partir de Tessalônica devido a perseguição que se moveu contra ele, manteve-se preocupado com a Igreja. Assim, tendo enviado a Silas e Timóteo para verificar o estado da Igreja, aguardou-os num primeiro momento em Atenas: *“Foi por isso que, já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que o Tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor (ko/poj)”* (1Ts 3.5). Escrevendo aos Romanos, Paulo destaca algumas irmãs que se exauriam no trabalho de Deus: *“Saudai a Maria que muito trabalhou (kopia/w) por vós”* (Rm 16.6); *“Saudai a Trifena e a Trifosa, as quais trabalhavam (kopia/w) no Senhor. Saudai a estimada Pérside que também muito trabalhou (kopia/w) no Senhor”* (Rm 16.12).

Ao Anjo da Igreja de Éfeso, o Senhor diz: *“Conheço as tuas obras, tanto o teu labor (ko/poj) como a tua perseverança...”* (Ap 2.2).

Na visão do Apocalipse, João registra a palavra vinda do céu: *“Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas (ko/poj), pois as suas obras (e) /rgon) os acompanham”* (Ap 14.13).

¹⁰⁹ *2Co 11.7; 1Ts 2.9; 2Ts 3.8. A palavra refere-se às dores decorrentes de um trabalho árduo, levado quase à exaustão.

¹¹⁰ Sobre o aspecto do trabalho árduo de Paulo, ver: 1Ts 2.9/2Ts 3.8; At 20.35; 1Co 4.12; 15.10.

¹¹¹ a)diki/a (Lc 13.27; 18.6; Rm 1.18,29, etc).

va livre de maiores encargos administrativos.¹¹² Por sua vez, o mordomo usufruía de considerável autoridade no gerenciamento do que lhe fora confiado. No entanto, apesar de toda a sua relevância para o dia-a-dia do seu senhor, a verdade é que o *despenseiro* não passava de um escravo. “Em relação ao seu senhor, ele era um escravo; em relação aos escravos, era um superintendente”.¹¹³

Para este ofício, além da competência, um ingrediente fundamental era a honestidade; daí Paulo falar que “o que se requer dos *despenseiros* (oi) kono/moj) é que cada um deles seja encontrado *fiel* (pisto/j)” (1Co 4.2).

Em outro contexto, Paulo aplica a expressão “*despenseiro*” aos presbíteros, dizendo que o bispo deve ser “*irrepreensível como despenseiro* (oi) kono/moj) de Deus” (Tt 1.7). Do mesmo modo, Pedro falando à Igreja em geral, diz que devemos servir uns aos outros “*cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros* (kaloi\ oi) kono/mo/moi) da multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10).

A nossa fidelidade será medida de acordo com a nossa obediência à Palavra, não por nossa popularidade ou “êxito” como pregadores. A avaliação pragmática é uma tentação enganosamente sutil com a qual muitos têm cedido (2Tm 4.1-5).

Devemos ter consciência da origem e conteúdo do que anunciamos. Paulo declara aos coríntios: “*Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus*” (2Co 2.17) (Ver: 1Ts 2.4).

Deus, Deus mesmo é Quem chama, transforma, salva e alimenta o Seu povo, através da Sua Palavra (Lc 8.11; Rm 1.16; 8.29-30; Tt 3.5).

n) Não deturpá-lo, apresentando todo o desígnio de Deus: Somos chamados a apresentar todo o conselho de Deus revelado nas Escrituras, não simplesmente aquilo que mais nos agrada. Paulo descreve aos Presbíteros que conviveram com ele qual foi o conteúdo de sua pregação: “... *jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus*” (At 20.27). (Ver: Gl 1.6,7; 2Co 4.1,2).

o) Não criar obstáculo: Paulo trabalhou com as suas próprias mãos, por moto próprio, nada recebendo da igreja de Corinto; não que ele achasse injusto receber seu salário; pelo contrário, ele repete as palavras da Lei conforme a interpretação de Cristo: “*Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho*” (1Co 9.14)(Vd. Mt 10.10; Lc 10.7; 1Tm 5.18). O que ele não queria era causar “obstáculos”. “...*Não usamos desse direito, antes suportamos tudo, para não criarmos qualquer obstáculo* (e) gkoph/) ao evangelho de Cristo” (1Co 9.12). A palavra traduzida por obstáculo só aparece neste texto em todo o Novo Testamento.

¹¹² “Para que um rico proprietário de terras não fosse um escravo para os seus escravos, tinha que delegar a outrem o trabalho rotineiro e administrativo” [Canon Leon Morris, *1Coríntios: introdução e comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1981, (1Co 4.1), p. 59].

¹¹³ Canon Leon Morris, *1Coríntios: introdução e comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1981, (1Co 4.1), p. 59.

No seu emprego militar tinha o sentido de cortar uma árvore para causar um impedimento ou, abrir uma vala que obstaculizasse temporariamente o caminho do inimigo, daí a palavra tomar o sentido de “*impedimento*”, “*empecilho*”, “*obstáculo*”. O certo é que Paulo não queria de nenhuma forma ser um obstáculo, ainda que temporário, no avanço do Evangelho. Ele preferia abrir mão de seus direitos em prol da mensagem cristã.

B) A NOSSA PROCLAMAÇÃO FUNDAMENTA-SE NA PALAVRA, ATRAVÉS DA QUAL, TIVEMOS NOSSA EXPERIÊNCIA SALVADORA:

O homem geraseno que fora curado por Jesus Cristo manifestou intenso desejo de seguir com Jesus. Marcos relata: “*Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele. Jesus, porém, não lho permitiu, mas ordenou-lhe: Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti. Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam*” (Mc 5.18-20). (Ver: Mt 28.19-20).

O Evangelho não começa por minha experiência, contudo, engloba o que Deus realizou em nós. “*Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor....*” (2Co 4.5).

c) As oportunidades são imprevisíveis:

Após o eloqüente e desafiante sermão de Estevão e, a sua conseqüente morte por apedrejamento (At 7.1-60), o grupo inquisidor estimulado por esta atitude assassina, promoveu “*... grande perseguição contra a igreja de Jerusalém*” (At 8.1), com a permissão do sumo sacerdote (At 8.3; 9.1,2).

Surpreendentemente foi por meio desta perseguição, que parecia fatal à igreja, que ela pôde cumprir qualitativamente a totalidade da ordem divina de testemunhar “*tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra*” (At 1.8).

O diácono Filipe pregou em Samaria e muitos se converteram (At 8.5-8); posteriormente evangelizou um judeu etíope, que se converteu e foi batizado (At 8.38). Filipe continuou o seu profícuo ministério: “*.... Filipe veio a achar-se em Azôto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesaréia*” (At 8.40).

Aqueles irmãos que foram dispersos de Jerusalém continuaram pregando o Evangelho em diversas regiões (At 11.19-21). A difusão do Evangelho é demonstrada mais tarde, ainda no período neotestamentário, através das Epístolas de Tiago e Pedro, sendo a de Tiago destinada “*.... às doze tribos que se encontram na Dispersão*” (Tg 1.1) e a de Pedro, “*.... aos eleitos, que são forasteiros da Dispersão, no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia, e Bitínia*” (1Pe 1.1. Leia também, At 17.6).

O que parecia um golpe destruidor à igreja cristã, foi, na realidade, um estímulo à cumprir a sua missão. Deus como senhor da história utiliza-se de recursos muitas

vezes surpreendente para nós. Devemos, portanto, aproveitar as oportunidades com as quais nos deparamos. Cada obstáculo pode se constituir num meio de testemunho.

D) DEVEMOS ESTAR PREPARADOS PARA DEFENDER E CONFIRMAR O EVANGELHO:

“Os crentes são chamados por Deus para desenvolver suas mentes para o propósito da guerra intelectual e o processo educacional provê um mecanismo chave para ajudar o cristão comprometido que deseja obedecer a esse mandado” – John A. Hughes.¹¹⁴

Devemos nos preparar para apresentar, quando necessário, uma defesa de nossa fé. Devemos saber em quem e porque cremos. Paulo, na prisão, diz aos filipenses: “...vos trago no coração, seja nas minhas algemas, seja na defesa (a)pologi/a)¹¹⁵ e confirmação (bebai/wsij)¹¹⁶ do evangelho...” (Fp 1.7/Fp 1.16). Pedro escreve às igrejas da Dispersão dizendo que eles deveriam estar “...sempre preparados (e)/toimoj)¹¹⁷ para responder (a)pologi/a) a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15).

Paulo no final de sua vida não deu um “salto no escuro”, antes declarou a sua inabalável confiança no Deus que conhecia e pelo qual dedicou a sua vida: “... porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2Tm 1.12). “⁶ Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. ⁷ Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. ⁸ Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2Tm 4.6-8). Paulo não fala de hipóteses ou teorias, afirma sim a sua firme certeza na verdade de Deus.

Dentro da perspectiva pós-moderna, a verdade, se existe, é inacessível; daí o abandono da procura da verdade e, conseqüentemente, a carência de ensino sobre a importância da verdade e sobre valores considerados verdadeiros.

Para não cair num agnosticismo absoluto, admite-se a verdade dentro do universo

¹¹⁴ John A. Hughes, Por que Educação Cristã e não Doutrinação Secular?: In: John F. MacArthur, Jr. ed. ger. *Pense Biblicamente!: recuperando a visão cristã do mundo*, São Paulo: Hagnos, 2005, p. 377.

¹¹⁵ * At 22.1; 25.16; 1Co 9.3; 2Co 7.11; Fp 1.7,16; 2Tm 4.16; 1Pe.3.15.

¹¹⁶ A idéia da palavra é de solidez, indicando um firme fundamento. Ela tem o sentido aqui de apresentar as evidências confirmadoras do Evangelho. *Bebai/wsij* (*Fp 1.7; Hb 6.16). Ver também: *Be/baioj* (* Rm 4.16; 2Co 1.7; Hb 2.2; 3.6,14; 6.19; 9.17; 2Pe 1.10,19) e *Bebaiow* (*Mc 16.20; Rm 15.8; 1Co 1.6,8; 2Co 1.21; Cl 2.7; Hb 2.3; 13.9).

¹¹⁷ Tendo o sentido de preparação, prontidão.

singular de cada indivíduo; deste modo, a sua verdade é sua e não tem nenhum valor objetivo, portanto, não há nada nela de universalizante. Deste modo, de posse de minha verdade procuro vivê-la dentro das dimensões de minha subjetividade e nada mais.

O educador Paul Spears observa que “o treinamento de alunos sobre como chegar à verdade pela razão é algo que já foi abandonado porque, a idéia de que alguém pode ter realmente acesso à verdade absoluta parece tolice”.¹¹⁸

Quando a verdade é considerada, tem apenas um sentido local e circunstancial: “Minha verdade”, “sua verdade”, “verdade de cada um”, “verdade para aquela época”, “verdade para aquele povo”, etc. Já observamos como no campo das ciências sociais evita-se emitir juízo de valor? Fala-se de “fenômeno”; deste modo, foge-se da questão do certo e errado; verdade e mentira. Apenas descrevo o “fenômeno”, palavra mágica, que faz-me dizer o “fato” como se manifesta dentro de minha percepção e mais nada. Atitude ingênua: como se fosse possível ter percepção sem uma gama enorme de valores que a referenciam.¹¹⁹

Dentro desta perspectiva, a verdade passou a ser simplesmente construída; deste modo, não há lugar para absolutos. “Os pós-modernistas rejeitam totalmente a verdade objetiva. A verdade não é uma descoberta feita a partir do mundo externo. Antes, a verdade é uma *construção*”.¹²⁰

No entanto, as Escrituras nos falam de verdade absoluta, acessível verificável e vivenciável. A Palavra de Deus nos desafia a conhecer a verdade e a praticá-la como testemunho de fé, certos de que o propósito de Deus para o homem é sempre perfeito; a Sua vontade é boa, perfeita e agradável (Rm 12.2).

Nós cremos num Deus verdadeiro, em quem temos vida: “*E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro* (a) lhqino/j), e a *Jesus Cristo, a quem enviaste*” (Jo 17.3).

Jesus Cristo é a verdade e o verdadeiro Deus a quem reconhecemos pela graça. Ele mesmo afirma: “*Eu sou o caminho, e a verdade* (a) lh/qeia), e a *vida; ninguém vem ao Pai senão por mim*” (Jo 14.6). João dá testemunho da veracidade do Pai e do Filho: “*Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro* (a) lhqino/j); e *estamos no verdadeiro* (a) lhqino/j), em seu Filho, *Jesus Cristo. Este é o verdadeiro* (a) lhqino/j) *Deus*

¹¹⁸ Paul Spears, Introdução à Filosofia. In: Paul Spears, et. al. *Fundamentos Bíblicos e Filosóficos da Educação*, São Paulo: Associação Internacional de Escolas Cristãs-Brasil, 2004, p. 13. “Ao criar uma crise epistemológica, os questionamentos pós-modernistas rejeitam até a possibilidade da verdade, histórica ou qualquer outra” (Clyde P. Greer, Jr., *Refletindo Honestamente sobre a História*: In: John F. MacArthur, Jr. ed. ger. *Pense Biblicamente!: recuperando a visão cristã do mundo*, São Paulo: Hagnos, 2005, p. 411).

¹¹⁹ Ver Hermisten M.P. Costa, *Raízes da Teologia Contemporânea*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

¹²⁰ Gene Edward Veith, Jr., *De Todo o teu entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 55-56.

e a vida eterna” (1Jo 5.20).

O Espírito é a verdade, dando testemunho e nos conduzindo à verdade: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade (a) lh/qeia), ele vos guiará a toda a verdade (a) lh/qeia); porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir” (Jo 16.13). “... E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade (a) lh/qeia)” (1Jo 5.6).

Os caminhos de Deus são verdadeiros em si mesmos, não havendo injustiça. No Apocalipse lemos o cântico dos santos libertos por Deus “E entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros (a) lh/qino/j) são os teus caminhos, ó Rei das nações!” (Ap 15.3).

Como há outras vozes querendo nos afastar da verdade, apresentando um caminho que, à primeira vista, pode nos parecer mais convidativo e tentador, devemos perseverar no caminho da verdade. Paulo recrimina o esmorecimento dos gálatas que começando a crer corretamente na graça de Deus, agora, passam a viver, como se fosse possível, pelas obras. O legalismo judaico se constituía num impedimento aos judeus cristãos: “Vós corréis bem; quem vos impediu (e) gko/ptw) de continuardes a obedecer à verdade (a) lh/qeia)?” (Gl 5.7).

Os falsos mestres, privados da verdade,¹²¹ procuram desviar-nos da verdade pervertendo os ensinamentos da Palavra. Paulo cita dois falsos mestres de seu tempo, Himeneu¹²² e Fileto, que, seguindo ensinamentos gnósticos, com uma linguagem corrosiva, eliminavam a esperança na ressurreição futura, pervertendo a fé de alguns: “Além disso, a linguagem deles corrói como câncer (γάγγραινα);¹²³ entre os quais se incluem Himeneu e Fileto. Estes se desviaram da verdade (a) lh/qeia), asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo (a) natre/pw = “arruinar”, “virar”¹²⁴) a fé a alguns” (2Tm 2.17-18). A falsa doutrina é contagiante. Paulo exorta a Tito com veemência a respeito dos insubordinados, especialmente judeus: “É preciso fazê-los calar, porque andam pervertendo (a) natre/pw) casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância” (Tt 1.11). Por causa dos falsos mestres o caminho da verdade será infamado. “Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas (yeudoprofh/thj),¹²⁵ assim também haverá entre vós falsos mestres (yeudodida/skaloj), os quais introduzirão, dissimuladamente, he-

¹²¹ “Alterações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade (a) lh/qeia), supondo que a piedade é fonte de lucro” (1Tm 6.5).

¹²² Paulo se referira a este como que alguém que naufragou na fé (1Tm 1.19-20).

¹²³ Esta palavra só ocorre aqui em todo o Novo Testamento. É deste termo que provém palavra gangrena.

¹²⁴ A palavra é usada no sentido literal Jo 2.15: “Em tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou (a) natre/pw) as mesas”.

¹²⁵ Jesus Cristo já nos alertara sobre eles. Vejam-se: Mt 7.15; 24.11,24; Lc 6.26. O apóstolo João falaria mais tarde de sua realidade presente (1Jo 4.1).

resias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas (a) se/lgeia), e, por causa deles, será infamado (blasfhme/w)¹²⁶ o caminho da verdade” (2Pe 2.1-2).

Pedro diz que o presbítero como pastor do rebanho deve estar em condições de alimentar o seu rebanho com a Palavra e, também, saber combater aqueles que tentarão seduzir os fiéis com “palavras fictícias (plasto/j)” (2Pe 2.3). O falso mestre é aquele que ensina a mentira, o engano: cria imagens que nada são para corromper seus ouvintes, conduzindo-os a negar o próprio Senhor Jesus Cristo e, também, à viverem libertinamente (a) se/lgeia), ou seja, de modo dissoluto e lascivo.¹²⁷ Por causa disso, o caminho do Evangelho seria caluniado, reprovado, “blasfemado”. A mensagem desses falsos mestres consiste numa corrupção do Evangelho. Plasto/j parece ter o sentido aqui de palavras artisticamente elaboradas, moldadas, sugestivas porém falsas, forjadas em seu próprio proveito, e, que por isso mesmo estão em oposição à verdade. Curiosamente este é o termo de onde vem a nossa palavra “plástico”.¹²⁸ O ensino cristão envolve arte, mas não “arte plástica” para com a verdade.

A busca da verdade pela verdade é uma característica fundamental da Igreja. Já que cabe à Igreja o privilégio de proclamar a Palavra, ela tem de compreender as Escrituras para anunciá-la com fidelidade e vivenciá-la para proclamar com autoridade. Por isso, a Igreja é chamada de “coluna e baluarte da verdade”, porque a ela foram confiados os oráculos de Deus (Rm 3.2/1Tm 3.15). A Igreja como baluarte da verdade está amparada no fundamento que consiste na obra de Deus realizada através de Cristo (Mt 16.18/Ef 2.20).¹²⁹ “*Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade* (a) lh/qeia)” (1Tm 3.14-15).

¹²⁶ O verbo Blasfhme/w, que tem o sentido de “injuriar”, “difamar”, “insultar”, “caluniar”, “maldizer”, “falar mal”, “falar para danificar”, etc., é formado de duas palavras, Bla/yij derivada de Bla/ptw = “injuriar”, “prejudicar” (* Mc 16.18; Lc 4.35) e Fhmi/ = “falar”, “afirmar”, “anunciar”, “contar”, “dar a entender”. A Blasfêmia tem sempre uma conotação negativa, de “maldizer”, “caluniar”, “causar má reputação”, etc., contrastando com Eu) fhmi/a (“boa fama” * 2Co 6.8) e Eu) / fhmoj (“boa fama” * Fp 4.8) (Eu) / & fh/mh). No *Fragmento 177* de Demócrito, lemos: “Nem a nobre palavra encobre a má ação, nem é a boa ação prejudicada pela má palavra (Blasfhmi/a)”. Paulo diz que o mau testemunho dos judeus contribuía para que os gentios blasfemassem o nome de Deus (Rm 2.24, citando Is 52.5). Compare este fato com a orientação de Paulo, 1Tm 6.1; Tt 2.5.

A falsa doutrina propicia a prática da blasfêmia (1Tm 6.3,4), bem como os falsos mestres (2Pe 2.1-2,10-12).

¹²⁷ A) se/lgeia ocorre nos seguintes textos do Novo Testamento: Mt 7.22; Rm 13.23; 2Co 12.21; Gl 5.19; Ef 4.19; 1Pe 4.3; 2Pe 2.2,7,18; Jd 4.

¹²⁸ A palavra grega plastiko/j é derivada do verbo pla/ssw, cujo advérbio utilizado por Pedro é plasto/j. A nossa palavra plástico vem do grego (plastiko/j) passando pelo latim (*plasticus*), sempre de forma transliterada, significando aquilo “que tem propriedade de adquirir determinadas formas sensíveis, por efeito de uma ação exterior”.

¹²⁹ Ver: J. Blunck, Firme: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1981-1983, Vol. II, p. 246.

A igreja basicamente preserva a verdade através do seu conhecimento, prática e ensino: Devemos conhecer a Palavra a fim de poder usá-la corretamente. A Timóteo, Paulo recomenda: “Procura (spouda/zw)¹³⁰ *apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem (o) r̄qotome/w)¹³¹ a palavra da verdade (a) lh/qeia)” (2Tm 2.15).*

Hoje mais do que nunca somos desafiados a apresentar as razões de nossa fé. A nossa batalha repousa no campo das idéias. As idéias movem, conduzem o mundo.

¹³⁰ A idéia da palavra é de fazer todo o possível – de modo intensivo, urgente, diligente e zeloso –, para cumprir a sua tarefa. Denota uma diligência que se esforça por fazer todo o possível para alcançar o seu objetivo.

¹³¹ O verbo (o) r̄qotome/w – “cortar em linha reta”, “endireitar” –, que só ocorre neste texto, é formado por (o) r̄qo/j (“direito”, “reto”, “certo”, “correto”) (* At 14.10; Hb 12.13) e te/mnw (“cortar”), verbo que não aparece no Novo Testamento. Na LXX (o) r̄qotome/w é empregado em Pv 3.6 e 11.5 com o sentido de endireitar o caminho. Analogias e aplicações variadas são possíveis, tais como: a idéia de lavrar a terra fazendo os sulcos em linha reta; construir uma estrada em linha reta a fim de que o viajante alcance com facilidade o seu objetivo sem se desviar por atalhos; o alfaiate que corta o tecido de forma correta a fim de fazer a roupa (Paulo como fabricante de tendas estava acostumado a este serviço no que se refere ao corte dos tecidos de pelo de cabra); o pedreiro que corta a pedra de forma correta para o seu perfeito encaixe, etc. A partir de 2Tm 2.15 várias analogias são feitas, tais como: a idéia de conduzir a Palavra pelo caminho correto para atingir de modo eficaz seu objetivo, manuseá-la bem, ministrá-la conforme o seu propósito, expô-la de maneira correta, ensinar correta e diretamente a Palavra, etc. [Vejam-se, entre outros: Helmut Köster, (o) r̄qotome/w: In: G. Friedrich & Gerhard Kittel, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, 8ª ed. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Co., (reprinted) 1982, Vol. VIII, p. 111-112; Joseph H. Thayer, “Thayer’s Greek-English Lexicon of the NT,” *The Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000, Vol. 2, p. 270; A. Barnes, “Notes on the Bible,” *The Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000, Vol. 15, p. 795; Adam Clark, “Commentary the New Testament,” *Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000, Vol. 8, p. 222-223; R. Klöber, Retidão: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1983, Vol. IV, 217-219; William F. Arndt & F.W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 584; Russel N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado*, Guaratinguetá, SP.: A Voz Bíblica, (s.d.), Vol. 5, p. 379; John R.W. Stott, *Tu, Porém, A mensagem de 2 Timóteo*, São Paulo: ABU Editora, 1982, p. 59-60; J.N.D. Kelly, *I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário*, São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1983, p. 170; William Hendriksen, *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 323-324; Newport J.D. White, *Second Epistle to Timothy*: In: W. Robertson Nicoll, ed., *The Expositor’s Greek Testament*, Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1983 (Reprinted), Vol. 4, p. 165; p. 798-799; R.C.H. Lenski, *Commentary on the New Testament*, Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1998, Vol. 10, p. 425; W.C. Taylor, *Dicionário do Novo Testamento Grego*, 5ª ed. Rio de Janeiro: JUERP., 1978, p. 152-153; A.T. Robertson, “Word Pictures in the New Testament,” *The Master Christian Library*, Verson 8.0 [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 2000, Vol. 4, p. 703; William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, Buenos Aires: La Aurora, 1974, Vol. 12, (2Tm 2.15-18), p. 183].

E) EVANGELIZAR E ENSINAR SÃO ATIVIDADES INSEPARÁVEIS E PERMANENTES:¹³²

Evangelizar significa ensinar a Palavra de Deus, usando de nossa inteligência a fim de apresentar o Evangelho de forma compreensível; por isso Paulo argumentava, persuadia e ensinava, usando todos os seus recursos para conduzir os seus ouvintes a Cristo (At 9.29; 17.2,17; 18.4; 19.8-11,26; 24.25; 26.28; 28.23,31). Aqui não estamos negando o que temos afirmado desde o início, que o arrependimento e fé são dons de Deus. O que queremos enfatizar neste momento, é que temos a nossa responsabilidade de apresentar o Evangelho de forma persuasiva, ensinando a Palavra.

Dentro deste ponto devemos nos lembrar, que a relação entre o “Evangelizar” e o “Ensinar” é constante em diversos textos bíblicos, sendo uma das características da pregação de Jesus e dos discípulos. Deste modo, a evangelização sempre terá um caráter educativo.

“Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando (dida/skw) nas sinagogas, pregando o evangelho (khru/sswn to\ eu)agge/lion) do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4.23).

“E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando (dida/skw) nas sinagogas, pregando o evangelho (khru,sswn to. euvagge,lion) do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 9.35).

“Aconteceu que, num daqueles dias, estando Jesus a ensinar (dida/skw) o povo no templo e a evangelizar (euvaggeli,zw)....” (Lc 20.1).

“E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo (dida,skontej kai. euvaggelizo,menoi VIhsou/n to.n cristo,n)” (At 5.42).

“Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando (dida/skw) e pregando, (eu)aggeli/zomai) com muitos outros, a palavra do Senhor” (At 15.35).

“Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar (dida/skw) e a pregar (khru,ssw) nas cidades deles” (Mt 11.1).

“Pregando (khru,ssw) o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava (dida/skw) as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (At 28.31).

“Prega (khru,ssw) a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repre-

¹³² Vd. J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 35-36; R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, p. 227-233; *Idem.*, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 49-50; John R.W. Stott, *Crer é Também Pensar*, São Paulo: ABU., 2ª impressão, 1984, p. 45-51

ende, exorta com toda a longanimidade e doutrina (didach,)” (1Tm 4.2).

Nunca devemos separar a evangelização da educação cristã visto que ambas caminham juntas e se completam. O novo nascimento não é um produto acabado, antes, o início de um novo caminho de vida modelado pelo Espírito por meio da Palavra. Assim a educação cristã é um processo natural e sobrenatural;¹³³ compete à igreja a tarefa de promover a fé dos eleitos: “... é somente através do ministério da Igreja que Deus gera filhos para si e os educa até que atravessem a adolescência e alcancem a maturidade”.¹³⁴

F) DEVEMOS TER CONSCIÊNCIA DE QUE O NOSSO TRABALHO DEPENDE INTEIRAMENTE DO ESPÍRITO DA GRAÇA DE DEUS:

Sem a operação do Espírito da Graça (Hb 10.29), toda a nossa reflexão, todo o nosso esforço, todos os nossos métodos, toda a nossa oratória e capacidade de persuasão serão vãos. O poder do Evangelho está no conteúdo da Sua Mensagem, que somente é compreendido mediante a ação do Espírito, que nos capacita a enxergar o Evangelho da Glória de Deus.

Aos imaturos coríntios que disputavam para saber quem era o maior entre aqueles que lhes haviam servido, Paulo lhes mostra que todos são servos:

“1 Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo.

2 Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podéis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis.

3 Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?

4 Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?

5 Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um.

6 Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.

7 De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.

8 Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho.

9 Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós” (1Co 3.1-9). (Vejam-se também: Hb 10.29/1Co 1.17; 2.1-5/1Ts 1.5).

J.I. Packer nos diz isto de forma contundente:

“Por mais que apresentemos o evangelho de forma clara e convincente-

¹³³ Perry G. Downs, *Introdução à Educação Cristã: Ensino e Crescimento*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 64-65.

¹³⁴ João Calvino, *Gálatas*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 4.26), p. 144.

te, não temos qualquer esperança de convencer ou converter quem quer que seja. Poderíamos o prezado leitor e eu, mediante nossas palavras mais intensas, quebrar o poder que Satanás exerce sobre a vida de um homem? Não. Poderíamos proporcionar vida aos espiritualmente mortos? Não. Poderíamos nutrir a esperança de convencer os pecadores sobre a verdade do evangelho mediante as mais pacientes explicações? Não. Poderíamos esperar levar os homens a obedecerem ao evangelho através de quaisquer palavras de exortação que porventura disséssemos? Não. Nossa maneira de evangelizar não será realista enquanto não tivermos enfrentado esse fato esmagador, permitindo que ele exerça o devido impacto sobre nós. (...) Considerada como um empreendimento humano, a evangelização é uma tarefa inútil. Em princípio não pode produzir o efeito desejado. Podemos pregar, e pregar de modo claro, fluente e atrativo; podemos falar a indivíduos da maneira mais apropriada e desafiadora; podemos organizar cultos especiais, distribuir folhetos, exibir cartazes e encher a terra de publicidade - mas não há a mais remota esperança de que toda essa queima de esforços será capaz de conduzir qualquer alma a Deus. A não ser que algum outro fator interfira nessa situação, nossos próprios desempenhos, todas as atividades evangelísticas estarão condenadas de antemão ao fracasso. Esta é a verdade, nua e crua que temos de enfrentar".¹³⁵

Finalmente, devemos nos lembrar de que Deus é o Senhor. A nós compete pregar, ensinar, interceder, suplicar. A oração deve ser o elemento agregador de todos os nossos atos. A oração é a declaração solene e existencial do povo de Deus, de que a sua suficiência e capacidade estão em Deus. Orar é exercitar a nossa fé naquele que temos conhecido. A salvação, como já vimos, é um ato exclusivo de Deus: Somente a Ele pertence (Jn 2.9; 1Co 1.21; Hb 2.10; 5.9; Tg 4.12; Ap 7.10; 19.1). Que Deus nos abençoe, nos capacitando, pelo Espírito a ser testemunhas fiéis. Amém.

São Paulo, 01 de outubro de 2007.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

¹³⁵ J.I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus*, p. 74-75.